

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ariane Silveira Dias Zabaleta

VELHICE E LAZER:

Um olhar etnográfico para um projeto de idosos

Porto Alegre, 2012

Ariane Silveira Dias Zabaleta

VELHICE E LAZER:

Um olhar etnográfico para um projeto de idosos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.
Orientador: Marco Paulo Stigger

Porto Alegre, 2012

CIP - Catalogação na Publicação

Dias Zabaleta, Ariane Silveira

VELHICE E LAZER: Um olhar etnográfico para um projeto de idosos / Ariane Silveira Dias Zabaleta. -- 2012.

103 f.

Orientador: Marco Paulo Stigger.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2012.

1. Velhice. 2. Lazer. 3. Saúde. 4. Sociabilidade. 5. Pertencimento. I. Stigger, Marco Paulo, orient. II. Título.

Ariane Silveira Dias Zabaleta

VELHICE E LAZER:

Um olhar etnográfico para um projeto de idosos

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Johannes Doll

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Andréa Kruger Gonçalves

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Marco Aurélio de Figueiredo Acosta

Universidade Federal de Santa Maria

Orientador – Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aos meus pais, Dorvalina Silveira Dias e
Gilberto de Freitas Dias e ao meu marido,
Otávio Kreling Zabaleta.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais, Dorvalina Silveira Dias e Gilberto de Freitas Dias, por ter me ensinado a importância da educação e pelo apoio incondicional.

Ao meu marido, Otávio Kreling Zabaleta, meu parceiro de vida, que foi paciente e meu porto seguro durante todo o processo.

A todos os participantes do CELARI que permitiram minha convivência com eles e dividiram comigo seu cotidiano e suas histórias.

A Andréa Kruger Gonçalves e aos bolsistas do CELARI pelo carinho e pela forma com que me acolheram.

Ao meu orientador Marco Paulo Stigger que com sabedoria me ensinou que uma dissertação se faz com 99% de esforço e 1% de inspiração. Que soube cobrar meu desempenho nos momentos necessários e soube ser sensível e carinhoso quando preciso.

Aos meus colegas do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), Ileana Wenez, Leandro Forell, Raquel Silveira, Carlos Miranda, Marcelo Rampazzo, Maitê Venuto de Freitas, Túlio Zambelli, Jaqueline Kempp e Rafael Piedade pelas contribuições, pelas discussões, pelas leituras, e por serem meus parceiros de trajetória. A Ariane Pacheco, André Lazzari, Flávio Mariante e Mauro Myskiw que, além de contribuírem academicamente, permitiram que eu dividisse com eles minhas dúvidas e angústias.

Trago dentro do meu coração,
como num cofre que se não pode fechar de cheio,
todos os lugares onde estive,
todos os portos a que cheguei,
todas as paisagens que vi através das janelas ou vigias,
ou de tombadilhos, sonhando,
e tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.
(Fernando Pessoa)

RESUMO

Nesse trabalho me propus a compreender o que significa e como se vivencia a velhice dentro do Centro de Esporte, Lazer e Recreação do Idoso (CELARI), localizado na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre (RS). A partir de uma incursão etnográfica (observação participante; entrevistas; análise de documentos) desenvolvida de abril a dezembro de 2011, compartilhei, com os participantes, diversos momentos de convívio, como oficinas de atividades físicas, atividades sociais, reuniões, passeios, e outras situações de convivência. Após esse longo período de produção de dados, examinei o material obtido, desenvolvi categorias de análise e cheguei a interpretações que foram apresentadas em diferentes tópicos/aspectos/temáticas que me ajudaram a responder às perguntas do estudo, e que se relacionaram: ao sentimento de pertencimento; às perspectivas de corpo e saúde presentes naquele contexto; e às lógicas de sociabilidade que sustentavam as dinâmicas sociais daquele universo. Sobre pertencimento, compreendi que vivenciar a velhice no CELARI significa compartilhar um ambiente predominantemente feminino onde o sentimento de pertencer permeia as relações cotidianas. Observei que a concepção de saúde dos idosos ultrapassa a condição biológica e se relaciona com felicidade, divertimento e sentir-se bem naquele contexto. Pude perceber que a preocupação com o corpo e com a boa forma são aspectos que atravessam o processo de envelhecimento. Porém, se essa preocupação se vincula predominantemente a uma dimensão utilitária do corpo (saúde biológica; autonomia), ela também se relaciona com a busca por um corpo bonito, o qual também faz parte dos objetivos dos participantes. O CELARI é, então, um espaço que viabiliza diversas formas de sociabilidade e de interação entre os participantes, onde as trocas afetivas costumam as relações cotidianas e, por vezes, sustentam a participação no projeto.

Palavras-chave: Velhice. Lazer. Saúde. Sociabilidade. Pertencimento.

ABSTRACT

In this study I set out to understand what old age means and how it is experienced within the Centro de Esporte, Lazer e Recreação do Idoso (CELARI), located in the Physical de Education School of the Federal University of Rio Grande do Sul in Porto Alegre. During the period between April and December of 2011 I developed an ethnographic incursion (participative observation, interviews and document analysis) in which I shared several moments of socializing such as physical activity workshops, social activities, meetings, tours and other everyday situations. After this long period of data production I proceeded to the examination of the obtained material, developed analytical categories and came to some interpretations. Those interpretations were presented in different topics/aspects/themes and helped me to provide answers to this study's questions. Such questions relate to the sense of belonging, the perspectives concerning body and health in that given context and the sociability logics supporting the social dynamics of that universe. On the sense of belonging I understood that experiencing old age at CELARI means to share a predominantly feminine environment where everyday relations are permeated by the sense of belonging. I noticed that the conception of elderly health goes beyond the biologic condition and relates to happiness, fun and feeling good in that context. I could realize that aspects like the preoccupation with the body and being in shape pervade the ageing process. Although this preoccupation focus predominantly on the body's utility dimension (health; autonomy) it also relates to the search of a beautiful body, which is also part of the participants objectives. CELARI is then a space that allows various forms of sociability and interaction among its participants, where the affective exchanges pervade the daily relationships and sometimes sustain participation in the project.

Key words: Old age. Leisure. Health. Sociability. Belonging

.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Quadro dos entrevistados	30
Ilustração 2: Quadro de nomes fictícios	32
Ilustração 3: Centro Natatório da ESEF. Década de 1970.	36
Ilustração 4: Sala 12	39
Ilustração 5: Sala 7	40
Ilustração 6: Piscina menor e sala de musculação	41
Ilustração 7: Piscina grande.....	42
Ilustração 8: Galpão.....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. PROBLEMATIZAÇÃO	15
2.1 QUESTÕES DE PESQUISA	20
3. ESCOLHA E CAMINHO METODOLÓGICO	22
4. DESCREVENDO O CELARI	33
5. VIVENDO E ENVELHECENDO: FORMAS DE VIVER O CELARI	46
5.1 <i>SER CELARIANO</i>	46
5.2 OUTRAS POSSIBILIDADES DE VIVER O CELARI	56
6. “NÃO PRECISA ESTAR ESCRITO PRA SABER QUE SOU VELHA”, MAS...: SAÚDE E CORPO NO CELARI	62
6.1 “VIM POR INDICAÇÃO MÉDICA”: UM OLHAR SOBRE SAÚDE E CORPO NO CELARI	62
6.2 SENTIR-SE BEM, BOA FORMA E FELICIDADE: OUTROS OLHARES SOBRE SAÚDE E CORPO.....	68
7. CELARI: ESPAÇO DE LAZER E SOCIABILIDADE	76
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
APÊNDICE A – CARTA DE ESCLARECIMENTO E TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA	100
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PARTICIPANTES.....	102
APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA BOLSISTA.....	103

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento humano e suas temáticas são um assunto contemporâneo no Brasil, contemplado tanto pelas ciências sociais quanto pelas naturais, esse tema é pauta de muitos trabalhos desde o fim do século passado. No campo das ciências sociais, que é onde está localizado esse trabalho, as abordagens sobre o envelhecimento são diversas.

Algumas pesquisas se interessam em debater as problemáticas causadas pelo crescimento populacional dos idosos, uns preocupam-se em entender as relações entre a mídia e o envelhecimento, outros estão interessados no grande número de mulheres idosas, alguns estudam espaços masculinos, outros ainda, investigam o idoso e o mercado de trabalho, outros voltam seu olhar para as políticas públicas para idosos, entre muitas outras.

Para dar conta dessas propostas de investigações acerca do envelhecimento da população brasileira, muitas áreas de conhecimento estão envolvidas. Pode-se citar algumas encontradas durante minha revisão bibliográfica, como a psicologia, economia, sociologia, lazer, educação, antropologia, educação física, gerontologia e políticas públicas.

O presente trabalho delimita-se, de forma geral, a olhar para os idosos, para suas práticas e para suas relações dentro de um projeto de lazer e atividade física para o idoso, o CELARI conhecido no período da pesquisa como Centro de Esporte, Lazer e Recreação do Idoso. Um projeto de extensão da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF – UFRGS). A discussão desse trabalho é desenvolvida dentro do campo da educação física, onde busco auxílio nas áreas da antropologia e sociologia.

O capítulo que segue a esse apresenta a construção da problematização desse estudo, onde justifico meu interesse pela temática. Nesse capítulo também apresento parte do referencial teórico utilizado para desenvolver as questões de pesquisa e indico o objetivo maior desse trabalho: compreender o *que significa e como se vivência a velhice dentro do CELARI*. Propus-me a alcançar esse objetivo a partir de questionamentos orientadores que contemplam como: quem são essas pessoas que escolhem viver a velhice no CELARI? O que buscam nesse espaço? Como se estabelecem e são vividas as relações de sociabilidade no CELARI? O que

faz com que esse lugar seja um espaço predominantemente feminino e qual o lugar dos homens que dele participam?

O caminho metodológico, a justificativa para a escolha pela etnografia, as ferramentas utilizadas e a descrição do desenvolvimento dessa pesquisa, estão apresentados no terceiro capítulo. Neste, além de discutir minhas escolhas metodológicas, eu apresento algumas estratégias utilizadas que me ajudaram a contemplar as etapas que me propus a desenvolver. No mesmo tópico relato como foram construídas as minhas categorias de análise - pertencimento, saúde, corpo e sociabilidade - que são discutidas nos capítulos que o seguem.

No capítulo quatro tive a intenção de inserir o leitor no contexto estudo, o projeto CELARI. Minha proposta foi de apresentar as pessoas que fazem parte dele, aproximar o leitor da constituição dos espaços, descrever a forma de organização do projeto e expor as atividades que são desenvolvidas. Para isso, iniciei o capítulo trazendo elementos que me ajudaram a contar a história da criação do projeto e o seu desenvolvimento ao longo de 12 anos. Cito passagens vividas e relatos de pessoas que entrevistei, as quais me ajudam a mostrar como se deu a ampliação dos espaços ocupados pelo projeto e, da mesma forma, o crescimento do seu número de participantes.

A primeira categoria, pertencimento, está debatida no quinto capítulo. Neste, discuto algumas possibilidades de se viver a velhice dentro do CELARI. Minha proposta é de responder ao seguinte questionamento: quem são essas pessoas freqüentam o CELARI e porque, entre outras possibilidades de viver o envelhecimento, optam por viver nesse contexto? Desenvolvo a discussão apresentando algumas formas de circulação no projeto e tentando identificar o que é ser *celariano*.

No sexto capítulo discuto duas categorias que, no CELARI, estão relacionadas para além das concepções tradicionais: saúde e corpo. A convivência com o grupo me permitiu perceber relações muito interessantes. Através dessa discussão me proponho a responder por que essas pessoas estão no CELARI, o que as leva até este espaço.

A última categoria, sociabilidade, é debatida no sétimo capítulo, atravessada por elementos conceituais do lazer. Minha proposta é de contemplar os questionamentos a respeito do estabelecimento das relações no CELARI e porque os idosos optam por viver o envelhecimento nesse contexto. Nesse capítulo

apresento também como se estabelecem e qual a importância das relações afetivas entre os idosos e os bolsistas.

As considerações finais fecham esse trabalho. Nelas sintetizo os principais debates estabelecidos ao longo dos capítulos, apresento outras possibilidades de discussões que poderiam ser desenvolvidas e o meu posicionamento sobre as questões discutidas nesse trabalho.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

Muito embora meu envolvimento, como pesquisadora, com as temáticas de envelhecimento e lazer, se materialize a partir do segundo semestre do ano de 2010, minha aproximação com elas ganha forma anos antes. O ano de 2008 marca o início da minha trajetória e do meu interesse acerca das questões relacionadas aos idosos em projetos de atividade física e lazer. Esse primeiro passo ocorre através de participação voluntária em um projeto, resultado da parceria entre governo federal e universidade privada, de atividade física e lazer destinado a pessoas com 50 anos e mais.

A partir dessa primeira experiência foco meu objetivo aos interesses e significados/sentidos que os idosos atribuem à suas práticas em seu tempo de lazer, mais especificamente, às suas práticas em grupos/projetos/programas de lazer. Com isso, meu interesse de investigação nessa pesquisa se estabelece, de forma ampla, entre envelhecimento e lazer.

De acordo com a indicação da Organização Mundial de Saúde (OMS), em países em desenvolvimento a idade de 60 anos deve ser o indicativo a ser considerado para se declarar idoso. O Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) também leva em consideração essa classificação, embora se saiba que o início da velhice varia segundo as condições locais de desenvolvimento humano. Apesar disso, encontram-se hoje diversos projetos destinados ao público idoso, mas que é aberto para pessoas acima de 50 anos de idade.

Essa delimitação feita pela OMS é importante no âmbito da organização política e social, e denominar essa faixa etária de idosos faz parte deste contexto. Embora diversos trabalhos apontem outras denominações como pessoas de meia idade, maturidade ativa, terceira idade, melhor idade (PEIXOTO, 1998; DEBERT, 1999), é preciso que seja compreendido que essas diversas expressões identificam parte de um sistema de representação social da velhice e são constituintes da formação de diferentes imagens acerca do processo de envelhecimento frente à sociedade e aos próprios indivíduos (SILVEIRA, 2007). Se há algumas décadas a invalidez e a incapacidade para produção estavam relacionadas à aposentadoria, outras representações se configuram na atualidade. A conquista do benefício parece ter sido descoberta pelo mercado de consumo, o qual direciona cada vez mais os mais variados produtos e serviços para aposentados, o que torna esse segmento da

população um importante alvo para obtenção de lucro. A partir da entrada da aposentadoria na vida do idoso ele passa a ter um papel diferente, ele passa de um indivíduo deslocado dentro da sociedade para um indivíduo presente na definição de novos mercados de consumo e formas de lazer.

Envelhecer num país onde o número de idosos é cada vez maior e com inúmeros problemas econômicos e sociais é um desafio tanto para o indivíduo, quanto para a sociedade e para o governo. Observa-se esforços para a reconfiguração do idoso dentro da sociedade a partir de ações de incentivo e promoção do idoso em diversas áreas, uma tentativa de transformar o idoso em um cidadão protegido por leis, que pode contribuir com a sociedade e ainda pode ocupar maior espaço dentro da família, inclusive financeiramente.

Segundo Camarano (2002), o crescimento da população idosa brasileira é consequência de dois processos, a alta fecundidade no passado, observada principalmente nos anos 1950 e 1960, e a redução da mortalidade da população idosa. O avanço da medicina pode ser considerado um dos pilares fundamentais do processo de aumento da expectativa de vida da população. O desenvolvimento de vacinas e antibióticos, assim como o acesso aos serviços de saúde, contribuiu significativamente nesse processo (BERZINS, 2003; VERAS, 2003; PAPALETTO NETTO, 1986).

De um lado a diminuição na fecundidade alterou a distribuição etária da população brasileira, tornando a população idosa em um componente cada vez mais expressivo no âmbito da população total. De outro lado, a diminuição da mortalidade trouxe como consequência o acréscimo no tempo vivido pelos idosos. Nesse processo de crescimento da população idosa e de aumento da expectativa de vida, identifica-se um grande número de mulheres nessa categoria etária. Prado (2006) aponta que para cada 100 mulheres brasileiras há 81 homens. Pode-se explicar esse fenômeno considerando que as mulheres vivem em média oito anos a mais do que os homens. A superior expectativa de vida das mulheres pode ser influenciada de alguns fatores como a influência hormonal, diferença de exposição aos fatores de risco de mortalidade, menor consumo de álcool, inclusão de forma diferenciada no mercado de trabalho. Além das mulheres estarem mais dispostas a procurarem os serviços de saúde (VERAS, 2003).

Esse fenômeno do grande número de mulheres idosas é denominado por alguns autores como *feminização da velhice* (NERI, 2001; PAPALETTO NETTO, 2003;

CAMARANO, 2004; DEBERT, 1999). Neri (2001) aponta que essa denominação significa apenas o aumento do número de mulheres na população idosa e não tem relação direta com debates sobre gênero. Apesar disso, alguns estudos destacam as influências do gênero nas formas como se vive a velhice no Brasil, e levam em consideração alguns fatores relacionados como: renda, classe social e estado civil (DEBERT, 1994; BRITTO DA MOTTA, 1999; DEBERT, 1999).

Outras pesquisas se dedicaram a evidenciar as formas com que as mulheres vivem a velhice de maneira diferenciada dos homens. Algumas apontam que as mulheres durante a velhice participam mais do que os homens em atividades fora de casa, enquanto os homens permanecem mais tempo em suas casas depois da aposentadoria. Outras pesquisas indicam que as mulheres idosas, mais do que os homens, procuram participar de cursos e procuram viajar, assim como se envolvem em atividades relacionadas a conselhos e fóruns (GOMES e ABREU, 2001; PAPALETTO NETTO, 2003; ALVES, 2004; CAMARANO, 2004).

Para Camarano e Pasinato (2004), o aumento do número de idosos representa um grupo que vivencia a última etapa da vida que é formado tanto por pessoas que possuem total autonomia, que tem disposição para contribuir no desenvolvimento econômico e social e que exercem papéis importantes em suas famílias, quanto por pessoas que não são capazes de desenvolver as atividades básicas do seu cotidiano e sem nenhum rendimento próprio, ou seja, um grupo de pessoas com necessidades diferentes. Para Britto da Motta (2004), a velhice deve ser refletida em sua pluralidade, não somente por sua heterogeneidade das formas de envelhecer dentro do mesmo grupo etário, mas também pela identificação de vários grupos etários dentro de uma mesma denominação genérica de velhice.

O que se pode perceber é que na medida em que cresce o número da população idosa, a velhice, através de várias teorias, passa a ser vista como uma realidade social e não mais como um processo individual. Para Doll et. al. (2007), as grandes teorias sociológicas dos anos 1940 a 1980, além das teorias psicológicas, foram as que estimularam a pesquisa gerontológica internacional. A partir dos anos 60 cresceram fortemente os estudos sobre a velhice nos Estados Unidos e na Europa. Segundo Neri e Debert (1999) trabalhos antropológicos sobre essa temática afirmavam que o status social dos idosos nas sociedades tradicionais era mais alto e prestigiado do que nas sociedades modernas.

Porém, essa perspectiva é desconstruída por Beavouir (1970). Ela afirma que os idosos também eram maltratados e que o conceito sobre o indivíduo dependia muito mais de sua classe social, seu status, do que da sua idade. O que aproxima sua situação à das sociedades contemporâneas.

A partir da década de 1940 duas teorias foram desenvolvidas e dominaram as discussões da área. São elas a teoria da atividade e a teoria do desengajamento. Elas têm como objetivo explicar a relação entre os idosos, envelhecimento e a sociedade. Para Neri e Debert (1999) nas duas teorias a velhice é marcada como um período de perda de papéis sociais e, em ambos os casos, se pretende entender como ocorre à adaptação do indivíduo a essa situação definida como perda, e por seguinte medir o grau de concordância e o nível de atividade dos idosos.

De acordo com a teoria do desengajamento no envelhecimento deve ocorrer uma redução progressiva dos papéis sociais e a redução das interações sociais do indivíduo. Este deveria se afastar das relações funcionais e priorizar as relações afetivas (ALVES, 2004). Nessa fase da vida o comportamento mais adequado ao idoso seria o afastamento voluntário de suas atividades. Para Neri (2005) a teoria do desengajamento não levou em conta que a velhice permite diferentes tipos de experiência de afastamento que dependem de fatores como a classe social, profissão, renda, educação, status e envolvimento social, gênero e saúde física e psicológica. O desengajamento pode ocorrer em algumas áreas da vida, mas não necessariamente em todas.

Em contra partida a teoria da atividade se desenvolveu no fim dos anos de 1940 com Robert J. Havighurst quando publicou o livro *Developmental Tasks and Education*, em 1953, com base em pesquisas americanas. Em sua perspectiva, na medida em que o indivíduo tiver êxito na realização de suas tarefas ele terá felicidade para a realização das tarefas conseguintes. Essas tarefas possuem bases biológicas, psicológicas e culturais (SCHROOTS, 1996; LEHR, 2000 apud DOLL et al., 2007). Na década seguinte Havighurst desenvolveu o conceito de envelhecimento bem sucedido que está relacionado à teoria da atividade. Segundo o autor (1961 apud DOLL et al., 2007), o envelhecimento bem sucedido seria a manutenção durante o maior período possível das atividades iniciadas na meia idade e essas atividades seriam substituídas quando necessário. Na teoria da atividade, um dos objetivos também é o de incentivar os indivíduos a uma atitude voluntarista que consista em se manter envolvido em atividades diversificadas.

Essas teorias refletem uma discussão que identifica dois modelos que se opõem. O primeiro destaca a situação de abandono do idoso e aponta a família como à única instituição responsável por ele, reforçando ainda mais o estereótipo do idoso como um indivíduo pobre, doente e isolado. O segundo identifica o idoso como pessoas ativas e transforma a velhice em mais um mercado de consumo; uma tentativa de transformar a velhice em algo que pode ser adiado se tiver o estilo de vida adequado. Até hoje, é a teoria da atividade que motiva movimentos sociais como os grupos de idosos, e orienta conjecturas dentro da área do lazer com a perspectiva de estimular o bem estar na velhice.

Nas páginas anteriores tratei de teorias, da feminização da velhice e da aposentadoria que se mostram como alguns importantes marcadores da nova imagem do processo de envelhecimento. As novas imagens e as formas recentes de gestão da velhice são marcas importantes do novo olhar sobre os idosos. Essas imagens ainda oferecem um quadro mais positivo do envelhecimento, que passa a ser concebido como uma experiência heterogênea onde as doenças físicas e o declínio mental, antes visto como fenômenos freqüentes durante esse estágio da vida são redefinidos como possibilidades que podem afetar pessoas em qualquer outra idade. Elas permitiram também abertura de espaços para que novas experiências pudessem ser vividas coletivamente. Nesses espaços, é possível buscar a auto-expressão e explorar identidades de um modo que era exclusivo da juventude. Eles estão sendo rapidamente ocupados pelos mais velhos (DEBERT, 1999).

As questões referentes à família e a sociabilidade do idoso começaram nos anos de 1970 a fazer parte dos estudos sobre a velhice no Brasil (RODRIGUES, 2001; ALVES, 2004). Alguns anos antes, em 1961, foi fundada no Rio de Janeiro a primeira entidade científica a se preocupar com a saúde dos idosos, a Sociedade Brasileira de Geriatria (RODRIGUES; RAUTH, 2006). Nesse período os programas governamentais destinados a encarar o processo de envelhecimento da população em países desenvolvidos começaram a ganhar expressão. Esses programas tinham como objetivo “a manutenção do papel social dos idosos e/ou a sua reinserção, bem como a prevenção da perda de sua autonomia” (CAMARANO, PASINATO, 2004, p.253). Com essa perspectiva se inicia a formação de grupos de convivência para idosos com atividades definidas basicamente como de lazer.

Para Deponti e Acosta (2010) a participação de idosos em grupos de atividades físicas é de fundamental relevância para uma velhice bem-sucedida. Para os autores esses espaços são importantes, pois auxiliam na manutenção das capacidades funcionais dos idosos e também é um espaço onde eles podem desfrutar de atividades de lazer e de interação com outros. Para DEBERT (1994), os grupos para idosos se configuram em um campo privilegiado para observar e investigar porque também são “formas de congregação da população idosa que ganharam não apenas grande visibilidade, mas uma visibilidade associada à idéia de que novos conteúdos podem ser atribuídos as formas como o envelhecimento é tradicionalmente pensado (DEBERT, 1994, p. 33).

Percebendo a relevância dos grupos primeiramente na vida dos idosos e num segundo momento perante a sociedade e como alternativa para as políticas públicas, meu interesse se volta especificamente para um desses grupos, que se torna meu campo de investigação. No início do ano de 2011 me aproximo do Projeto CELARI (Centro de Esporte, Lazer e Recreação do Idoso), que se configura como um projeto de extensão vinculado a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escolho o CELARI como campo de pesquisa por alguns motivos. Além de ser um projeto onde eu encontraria meu público alvo de pesquisa (idosos envolvidos com práticas de lazer), é um espaço de fácil acesso e um projeto reconhecido e consolidado (12 anos de existência na época da pesquisa).

2.1 QUESTÕES DE PESQUISA

Sintetizando o que desenvolvi até aqui, pode-se observar o crescimento do número de idosos, entre eles o número considerável de mulheres, a reconfiguração do papel do idoso ao longo das décadas, e a criação de espaços exclusivos para esse público. Enfim, a velhice sendo vivida de múltiplas formas. É possível afirmar que essa dimensão da vida pode ser vivida coletivamente, dentro de grupos de convivência, projetos ou programas destinados a essa população.

A partir disso, são estabelecidas relações que convergem com meu interesse de pesquisa, que se desenvolve acerca dos significados/sentidos que os idosos atribuem à suas práticas lazer em projetos, com o projeto CELARI e, com isso,

apresento meu problema de investigação: *O que significa e como se vivencia a velhice dentro do CELARI?*

A partir do problema de pesquisa apresento as questões que nortearam essa pesquisa:

- Quem são essas pessoas que, entre outras possibilidades de viver a velhice, escolhem vivê-lo no CELARI?
- Porque optam por viver a velhice num contexto coletivo e plural? O que buscam nesse espaço?
- Como se estabelecem e são vividas as relações de sociabilidade no CELARI? O que significa ser *CELARIANO*?
- O que faz com que esse lugar seja um espaço predominantemente feminino e qual o lugar dos homens que dele participam?

3. ESCOLHA E CAMINHO METODOLÓGICO

Aproximando-se do meu objetivo maior de compreender como se vivência a velhice dentro do CELARI, optei por uma abordagem qualitativa, utilizando como metodologia a etnografia para auxiliar a responder meus questionamentos. Sob a perspectiva qualitativa Minayo (1994, p.21) aponta que esta

trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Olhando para as práticas urbanas, no campo acadêmico dos estudos socioculturais sobre lazer e esporte, a etnografia aparece como metodologia para auxiliar na compreensão das práticas de lazer e esporte cotidianas e dos sentidos que são atribuídos a elas por seus praticantes. Significa compreender as práticas como parte da cultura dos seus praticantes e visualizá-las na sua relação com o seu “em torno” (STIGGER, 2007, p. 35).

A pesquisa etnográfica propõe uma interação do pesquisador com o seu objeto de investigação a partir da convivência sistematizada propiciando estar no interior do fenômeno estudado, compartilhar as experiências com os investigados. Ou como comenta Geertz (2004, p. 88), “ver as coisas do ponto de vista dos nativos”. Foi isso que me levou a entrar em campo de fato no mês de abril de 2011. Meu foco inicial era circular pelos espaços e participar das *oficinas*. No primeiro momento queria ver quem eram os participantes, olhar para eles e me aproximar. Uma tentativa de fazê-los me reconhecerem (WACQUANT, 2002).

No primeiro contato com o CELARI, fui apresentada pela professora Andréa¹ aos bolsistas (acadêmicos que trabalham diretamente com os idosos) onde expliquei rapidamente qual era a minha intenção. Escolhi circular por todas as atividades nos primeiros dias. Alves (2004), em *A dama e o cavalheiro*, afirma que no primeiro contato com os idosos que fizeram parte de sua investigação não os informou que estava desenvolvendo uma pesquisa. Estes acreditavam que ela participava dos bailes com a intenção de aprender a dançar. Isso somente mudou quando uma das

¹Andréa Kruger Gonçalves é professora da Escola de Educação Física da UFRGS e coordenadora do CELARI.

idosas convidou-a para “rachar um cavalheiro”², como comenta a autora: “Beth me convidava baseada na idéia que ela fazia de mim, e que eu corroborava até então, de que meu interesse era o de aprender a dançar. Ela não sabia nada sobre a pesquisa” (p.127, 2004).

Diferentemente de Alves, desde o primeiro contato com os idosos pesquisados optei por informá-los sobre a minha posição ou o meu papel dentro do CELARI. Em cada oficina que acompanhei realizava o mesmo procedimento: solicitava que os bolsistas responsáveis pelas atividades me apresentassem brevemente no início da oficina, dizendo que eu estava fazendo uma pesquisa sobre envelhecimento e lazer, e permanecia com eles durante toda a duração da atividade. Esse primeiro movimento teve duração de duas semanas, aproximadamente 30 horas dentro do projeto, observando aulas de ginástica localizada, alongamento, jogging aquático e hidroginástica, durante as manhãs e as tardes.

Como já vivi outras experiências em projetos de atividade física para idosos, algumas situações no CELARI eram conhecidas, eram familiares. Apesar disso, outras situações me causam estranhamento, e estranhá-las me ajudou a questioná-las. Questionava-me o que fazia com que os idosos saíssem de casa e lotassem uma piscina as 08h30min de uma manhã de inverno. Para DaMatta (1993), uma importante tarefa é o movimento de transformar o exótico em familiar e transformar o familiar em exótico. Esse movimento é dinâmico, já que há todo momento encontro exotismos e familiaridades. Um ponto que acredito ser interessante destacar é que, apesar de investigar um campo que está localizado dentro da Escola que sou aluna, até então era um espaço desconhecido para mim, e esse fato também influenciou no processo de estranhamento.

Nesse período apenas observava as aulas, as pessoas, os espaços. Não foi uma etapa muito confortável, conversava com alguns, outros pediam mais informações sobre o que eu fazia ali, mas a sensação que tinha era de que precisava ter algum papel naquele espaço. As pessoas que circulavam pelas oficinas ou eram bolsistas ou eram idosos: eu não era nem um nem outro, e isso causava estranhamento. Minha intenção não era querer ser um idoso ou um bolsista, mas eu sentia que precisava ter algum papel, não fazia parte da dinâmica daquele espaço ter uma pessoa apenas observando.

²No contexto estudado pela autora significa contratar um cavalheiro para acompanhá-las e dançar com elas durante um baile.

Após esse período de duas semanas escolhi por continuar circulando pelos espaços sem uma rotina sistemática, mas, além disso, decidi me vincular a uma das oficinas. Escolhi a oficina de ginástica localizada por diversos motivos. Diferente das outras oficinas que acompanhei nessa apenas uma bolsista orientava as atividades, enquanto nas outras encontrava sempre dois bolsistas. Outro motivo foi que a bolsista dessa oficina foi muito receptiva comigo desde o momento no qual Andréa me apresentou ao grupo. Não afirmo com isso que os demais bolsistas não me receberam de uma forma positiva, apenas enfatizo que nesse momento essa bolsista foi mais próxima. E, além desses dois motivos, por causa dos horários de minhas outras atividades, essa era uma das oficinas que eu conseguiria acompanhar todos os encontros semanais.

Quando comecei a acompanhar a oficina de ginástica localizada percebi que ali havia espaço para tentar suprir aquela minha necessidade de ocupar algum papel. Nas primeiras aulas eu auxiliava na organização e distribuição dos materiais, colchonetes, caneleiras, halteres... Eu era uma *ajudante de bolsista*. Seguia o que a bolsista indicava para eu fazer, trocava a música que estava tocando no aparelho de som, alterava o volume, acendia luzes, mas nos primeiros dias não interferia diretamente nas aulas, não me sentia a vontade para isso, apesar de em alguns momentos a bolsista perguntar se a execução dos exercícios estava correta, se todos estavam conseguindo realizar todos os exercícios. Nessa dinâmica de insistência da bolsista e relutância minha, percebi que mesmo não querendo eu exercia certa *autoridade* ao espaço, por já ter concluído o curso de educação física. Tentei fugir dessa distinção, ou pelo menos deixá-la em segundo plano, pois isso poderia me distanciar dos bolsistas e eu acreditava que eles pudessem me ajudar na aproximação com os idosos.

Ainda que minha participação na oficina fosse muito pequena, já sentia que minha presença não causava tanto estranhamento, se não me sentia aceita naquele espaço, pelo menos já me sentia tolerada. E fui desempenhando esse papel por essa e por outras oficinas que acompanhei durante todo o trabalho de campo.

Como eu ainda circulava por outras oficinas, comecei a perceber a recorrência de alguns alunos em oficinas diferentes. Ao se inscrever no projeto o aluno podia participar de mais de uma oficina, e como elas ocorrem em vários horários durante os turnos da manhã e da tarde, isso era possível. Senti a necessidade de entender essa circulação, e para isso, criei uma tabela com todas as

oficinas e com o nome de todos os participantes, que chamei de *mapeamento* (DAMATTA, 1993).

A partir das listas de presença de cada oficina comecei a destacar em qual (ou quais) oficina cada aluno participava. Nesse momento surgiu uma dificuldade: a rotatividade dos alunos era muito grande, no projeto e entre as oficinas. Persisti por um tempo tentando realizar esse mapeamento, pegava as fichas de presença, comparava com os dados das fichas de inscrição, mas aos poucos fui percebendo que quanto mais eu circulava com os participantes mais eu os conhecia e conhecia suas escolhas pelas atividades. Pensei em suspender essa tarefa, mas como já estava na fase de conclusão, acabei por terminá-la, mas não senti necessidade de usar o mapeamento. De qualquer forma, ele me deu uma noção importante acerca de como as atividades funcionavam no interior do CELAR. Meses mais tarde esse mapeamento foi utilizado pela coordenação do projeto para o planejamento do movimento de reestruturação das atividades, que se concretizaria no ano de 2012.

A participação regular em uma oficina me ajudou na aproximação com alguns participantes. Cláudia Fonseca (1999) nos mostra que, o ponto de partida do método etnográfico é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo, os “nativos de carne e osso” (p. 58). Essa aproximação me permitiu conviver com o grupo em outros momentos, como o momento do café e as atividades sociais. Essa convivência me permitiu “entender o que está sendo dito” (FONSECA, 1999, p.59) pelos participantes, sobre suas práticas, sobre suas experiências.

Para Magnani (2009) a etnografia engloba diferentes estratégias de contato e inserção no campo. As condições para a prática continuada como uma experiência etnográfica leva o pesquisador a uma escrita construída a partir do diálogo entre suas fontes teóricas, observações e discurso do nativo. O circular em campo depende de um movimento de ir e vir entre ser aceito e tolerado dentro do grupo, no qual o caminhar faz parte de uma negociação no cotidiano da pesquisa.

Convivi com os participantes do CELARI até dezembro do mesmo ano, aproximadamente 60 dias de observação participante. Nesse período estive presente não apenas nos momentos de oficina. Participei das atividades sociais, como festa junina, almoços de sexta feira, uma saída noturna em uma casa de festas da região, passeio de final de ano. Participei também de reuniões com os bolsistas e reuniões mensais com os participantes do projeto. Com uma abordagem um pouco mais próxima de um olhar literário, Winkin (1998) coloca que a etnografia

hoje é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica. Segundo o autor, o fazer etnográfico exige do pesquisador *saber ver, saber ouvir e estar com*, com os outros e consigo mesmo. É como uma arte que exige saber re-traduzir pela escrita observações de campo que possam dialogar com referenciais teóricos.

Após cada momento desses, que por vezes duravam 6, 7 horas, já em casa fazia meu diário de campo da atividade. Para Winkin (1998, p. 138) o diário de campo é “o lugar do corpo-a-corpo consigo mesmos, ante o mundo social estudado”. Além de sistematizar minha escrita no diário, que era realizada habitualmente no mesmo dia ao da observação, sistematizei também minhas releituras a eles. Todo início de semana relia os diários da semana anterior e destacava em cores diferentes passagens que me chamavam atenção ou que me causavam estranhamento. Também destacava pendências e situações que teriam continuidade.

O diário de campo, para Winkin (1998) é o lugar do corpo a corpo do pesquisador consigo mesmo perante o mundo social estudado. Além disso, o diário transcende a descrição de situações, fatos e acontecimentos, se torna um momento de reflexão e auto-análise dessa interação com o campo. Eu escrevia meus diários como se contasse a alguém minha experiência diária no campo. Descrevia os lugares, as pessoas; escrevia sobre os acontecimentos, a seqüência com eles ocorreram, as falas (minhas e as quais escutava). Escrevia também sobre o que sentia, sobre como me sentia em determinadas situações, sobre minhas reflexões a partir das minhas leituras. Enquanto escrevia tentava reorganizar minhas idéias, os acontecimentos, como os via e como eles me aproximavam ou me distanciavam das minhas perguntas, e por vezes me traziam mais perguntas. Essa etapa de escrita era mui to solitária.

Paralelamente ao trabalho de campo, recorri há alguns documentos do projeto para conhecer um pouco da história do projeto e de seus objetivos (GOELLNER et al, 2010). Entre esses documentos, recorri a dois livros escritos e organizados pelos participantes do CELARI. O primeiro chama-se “Nossas vivências no CELARI: projeto CELARI” (2007) e o segundo “Vidas em Movimento” (2010). Os livros me ajudaram a conhecer um pouco da história da criação do projeto e da relação dos participantes com o projeto. Além dos livros, tive acesso a parte de um documento chamado “Proposta de Ação de Extensão do Projeto CELARI”. Esse documento foi dado a mim pela professora Andréa, e é parte componente da

proposta de organização e trabalho do projeto para o ano de 2011, enviada à Pró Reitoria de Extensão da UFRGS.

Como o estudo etnográfico não é construído com ferramentas restritas, é caracterizado pela constante ação de ir e vir entre o campo estudado e a teoria, foi possível utilizar estratégias metodológicas que não estavam previstas no projeto deste trabalho. E a partir da proximidade que esta metodologia me permitiu ter, com a coordenação do projeto e com as pesquisas realizadas por eles, foi possível que compartilhássemos estratégias, no caso compartilhamos o que chamamos de *entrevista coletiva* (STIGGER, 1992; NUNES, 2000).

Um dos pontos que me causou curiosidade ao longo da pesquisa foi à grande presença masculina em uma oficina específica: jogging aquático. Desde as primeiras aulas que acompanhei percebia que essa oficina concentrava muitos homens, diferente das demais oficinas do projeto. Paralelamente a isso, enquanto participava das reuniões de pesquisa do CELARI, que foi um dos espaços que circulei, conversamos diversas vezes sobre esse assunto, e percebi que esse estranhamento não era apenas meu, era também de interesse do projeto entender porque a participação masculina era maior nessa oficina. Já que partilhávamos esse ponto, partilhamos também a estratégia para abordar esse tema com os participantes. Os bolsistas que desenvolviam a oficina com esses idosos os convidaram para realizar uma *conversa* com data e local marcado, onde pudessem discutir a preferência deles por essa oficina. Elaboramos um roteiro de perguntas para auxiliar e utilizamos dois gravadores para registrar as falas dos participantes. Compareceram à *entrevista coletiva* três participantes que permaneceram aproximadamente 50 minutos dividindo suas histórias e seus motivos por escolherem aquela oficina. Utilizo alguns excertos desse momento no desenvolvimento desse trabalho.

Outro momento onde meus interesses de pesquisa uniram-se com os interesses do projeto foi em relação ao perfil social e etário dos participantes do projeto. Guardado em algumas caixas na sala da coordenação estava o questionário que foi aplicado pelo projeto aos participantes entre o fim de ano de 2010 e o início de 2011. As questões deste questionário abordavam informações sobre moradia, renda, estado civil e idade. Os dados de alguns participantes já estavam digitados, mas nenhuma análise tinha sido realizada até o momento. Conversando com a professora Andréa sobre os dados, decidimos terminar o trabalho de digitação e a partir dessa tarefa começar a análise. Reunimo-nos algumas tardes e, com a ajuda

de dois bolsistas, terminamos a digitação. Os dados pertinentes a esse trabalho estão apresentados no capítulo 4.

Partindo para a finalização da explanação acerca da minha abordagem metodológica, quero esclarecer sobre a construção das categorias de análise e das entrevistas que realizei, que de certa forma estão interligadas. Minhas categorias surgiram do cotidiano do projeto, não foram dadas *a priori*, surgiram dos meus diários de campo. Foram constituídas a partir de acontecimentos ou diálogos relevantes. De acordo com Minayo (1996, p. 70) categoria “se refere a um conjunto que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si”. Elas são utilizadas na intenção de classificação.

Minhas categorias dizem respeito ao sentimento de pertencimento, às maneiras de viver o CELARI, à sociabilidade e à saúde. Apesar de dividir o trabalho nessas categorias e apresentá-las nessa ordem, essas categorias se atravessam, algumas se atravessam o tempo todo. Mas para a dinâmica do trabalho é necessária essa divisão mesmo que suas fronteiras no contexto estudado não sejam tão claras e estabelecidas.

Após a construção das categorias parti para a etapa de escolha dos entrevistados, que ocorreu da forma que segue. Após o término do meu trabalho de campo, em dezembro de 2011, o projeto CELARI entrou em recesso de férias de verão. Durante esse período encontrei-me com Andréa e conversamos sobre a possibilidade de ficar vinculada ao trabalho do projeto de alguma maneira. Essa seria ficar ligada ao grupo de pesquisa do CELARI, que se encontrava uma vez por semana, quarta feira, no período da tarde. Como ainda não havia realizado as entrevistas, acreditei ser uma maneira de manter contato com os participantes, além de ser uma tentativa de retribuir a oportunidade de realizar minha pesquisa, que o projeto havia propiciado no ano anterior.

Em 2012, como no ano anterior, além da circulação dos bolsistas do projeto, os idosos dividiam espaço com outros acadêmicos e professores que naquele momento estavam coletando dados para suas pesquisas e ministrando oficinas novas, que também faziam parte dessas pesquisas. Durante os primeiros dias percebi que às vezes os idosos ficavam um pouco confusos com tantos rostos novos circulando por aquele espaço. Já que se passaram três meses do término do meu trabalho de campo e com tantos rostos novos, fiquei preocupada se eles realmente me reconheceriam no momento em que os convidasse para a entrevista, e mesmo

durante a sua realização. Minha preocupação era de não ser confundida com os outros pesquisadores, era de tentar preservar os laços que já haviam sido estreitados com alguns dos participantes do CELARI.

Para isso adotei uma estratégia que podia me aproximar deles e me distinguir dos demais. Tanto no momento de convidá-los a participar da entrevista, quanto na realização da entrevista de fato, eu sempre vestia a camiseta do CELARI, a qual apenas os idosos e os bolsistas do projeto usavam. Além disso, quando encontrava os idosos que queria entrevistar, retomava algum assunto relacionado às nossas conversas do ano anterior, fosse sobre as oficinas, sobre a família ou outras atividades.

Todos os convidados para entrevistar aceitaram o convite e optaram por realizar a entrevista no próprio projeto, antes ou depois da sua atividade. Apenas uma das entrevistadas sugeriu, para minha surpresa, que a entrevista fosse realizada no momento do convite. Como eu estava com o termo de consentimento (apêndice A), com o roteiro de entrevista e com o gravador de voz, realizamos naquele mesmo momento. Abaixo apresento um quadro que elaborei onde aponto as pessoas que entrevistei, algumas características delas e alguns pontos que me fizeram entrevistá-la.

	Entrevistado (nome fictício)	Principais características	Justificativa
1	Silvana	<ul style="list-style-type: none"> - 69 anos - divorciada, mora sozinha - participa do CELARI desde os primeiros meses - participou de quase todas as oficinas - está em muitos momentos no projeto - participa do grupo que organiza os espaços e as atividades sociais 	Além de me ajudar a entender a história do projeto, pode me ajudar na discussão sobre identidade <i>celariana</i> e sociabilidade através da sua forma de participação e seu envolvimento com o projeto.
2	Oswaldo	<ul style="list-style-type: none"> - bolsista - participou dos primeiros anos do projeto - é conhecido por todos os participantes - conhece os participantes que estão desde o início 	Como acompanhou os primeiros anos do CELARI, pode me ajudar a conhecer a história, a estrutura e organização inicial.
3	Clara	<ul style="list-style-type: none"> - 67 anos - solteira, mora com a filha e neta - 02 anos de CELARI - participou da hidroginástica e ginástica localizada - não conhecia freqüentadores do CELARI - participa de outros grupos 	Já que participa de outros projetos, pode me ajudar a compreender sua circulação e forma de participação.
4	Elis	<ul style="list-style-type: none"> - 70 anos - casada - 05 anos de CELARI - já participou da natação, dança, equilíbrio, ginástica localizada - tinha amigas que freqüentavam o CELARI - não participa de outros grupos - faz atividade física desde os 25 anos de idade 	Pode me ajudar a discutir a preocupação com o corpo (boa forma, estética) no processo de envelhecimento.

Ilustração 1: Quadro dos entrevistados

As entrevistas foram realizadas nos mês de maio de 2012 e duraram entre 30 a 50 minutos cada. No início de cada entrevista retomei a intenção dela, apresentei o termo de consentimento (o qual foi assinado por todos os entrevistados) e deixei a disposição o roteiro que utilizei para me orientar enquanto entrevistava-os. Ainda

sobre o roteiro de entrevista, esclareço que utilizei roteiros distintos para os participantes (Apêndice B) e para o bolsista entrevistado (Apêndice C)

Também esclareci que a qualquer momento eles poderiam interromper a entrevista, poderia negar-se a responder qualquer pergunta e, após o término, poderiam solicitar que sua entrevista não fizesse parte do meu trabalho. E ainda informei que, quando utilizado, os nomes deles seriam substituídos por nomes fictícios, da mesma forma que utilizei na referencia a eles durante todo esse trabalho.

Em relação à escolha dos participantes, além das informações presentes no quadro, quero esclarecer que optei por não entrevistar a coordenação do CELARI e os demais bolsistas. Essa decisão foi tomada, pois acredito que as informações pertinentes apareceram durante o tempo de convívio com eles e estão registradas em meus diários de campo. Outro destaque pertinente é em relação ao tratamento dos dados das entrevistas. Pela aproximação do prazo final de entrega do trabalho, realizei apenas a transcrição dos trechos que me auxiliaram na discussão e não a transcrição completa.

Para finalizar meus apontamentos sobre essa etapa do trabalho, considero importante relatar que, no primeiro momento, relutei sobre realizar entrevistas. Eu acreditava que os dados produzidos em oito meses de convivência com o CELARI seriam suficientes para dar conta dos meus questionamentos. Acabei por fazê-las e fiz com dedicação a escolha das pessoas e o roteiro de entrevista. E logo acabada a primeira entrevista, meu pensamento foi: “descobri coisas que eu nem sabia que precisava saber!”.

Um último esclarecimento se faz necessário, antes que a apresentação dos resultados seja realizada. Tanto os nomes dos entrevistados quanto os nomes que aparecem nos excertos dos meus diários de campo que estão no decorrer deste trabalho, são nomes fictícios escolhidos aleatoriamente. Dessa forma, apresento abaixo o quadro que utilizei para minha organização, onde aponto o vínculo da pessoa, o nome verdadeiro (no caso aqui suprimi essa informação), o nome fictício correspondente e o(s) capítulo(s) onde são citados.

Vínculo	Nome verdadeiro	Nome fictício	Capítulo citado
Bolsista	Xxxxxxxx	Osvaldo	4
Participante	Xxxxxxxx	Silvana	4 – 5 – 6 – 7
Participante	Xxxxxxxx	Adriana	5 – 6 – 7
Participante	Xxxxxxxx	Angela	7
Participante	Xxxxxxxx	Clara	5 – 7
Participante	Xxxxxxxx	Maria	6 – 7
Participante	Xxxxxxxx	Beth	5 – 7
Participante	Xxxxxxxx	Sandra	5
Participante	Xxxxxxxx	Leila	6
Participante	Xxxxxxxx	Elba	6
Participante	Xxxxxxxx	Rita	6 – 7
Participante	Xxxxxxxx	Elis	5 – 6 – 7
Participante	Xxxxxxxx	Nara	7
Participante	Xxxxxxxx	Caetano	5
Participante	Xxxxxxxx	Gilberto	5
Participante	Xxxxxxxx	Francisco	5

Ilustração 2: Quadro de nomes fictícios

Nas próximas páginas apresento o resultado e algumas discussões possíveis entre minha prática etnográfica e as teorias que me orientaram. Apenas gostaria de finalizar esse capítulo com uma reflexão que faço no momento da escrita desse. Posso dizer que meu trabalho de campo foi um processo de *permissões*, de ser permitida e de me permitir. Fui *ajudante de bolsista*, substituta de bolsista, participei do grupo de pesquisa (e ainda participo), carreguei mesas, assei *galletos*, servi pratos, organizei materiais. Fui fotógrafa, orientadora de bingo, decoradora, revisora de trabalho... Fui o que me permitiram e o que me permiti ser!

4. DESCREVENDO O CELARI

Apesar de já ter passado pouco mais de um ano entre o meu primeiro dia de trabalho de campo e a escrita desse capítulo, ainda está viva na minha memória a lembrança da primeira vez que entrei no CELARI. A data era 08 de abril de 2011 e lembro-me da impressão que tive assim que entrei naquele espaço: parecia que estava entrando na *casa da vó*. O cheiro de biscoitos e bolos e, principalmente, o de café passado na hora, são aromas que estiveram presente naquele espaço durante todo o tempo que estive por lá.

Meu primeiro contato com o projeto se deu por intermédio do meu orientador, que me apresentou às professoras Diná Pettenuzzo Santiago³ e Andréa Kruger Gonçalves que, na época, coordenavam o projeto. Isso ocorreu no ginásio 1 da Escola de Educação Física (ESEF/UFRGS), onde elas estavam orientando a realização de testes físicos com os participantes do projeto.

Naquele momento eu ainda não tinha conhecimento que o CELARI, passava por uma fase de transição, pois a professora Diná, fundadora do projeto, estava em vésperas de se aposentar e a professora Andréa assumiria seu papel na coordenação. Com isso, minha primeira iniciativa foi de conhecer a história do projeto.

Por minha solicitação, foi me entregue por Diná, um livro publicado no ano de 2007, no qual os participantes do projeto, com auxílio da coordenação, se propuseram a contar suas histórias. A partir desse livro e de entrevistas que realizei: a primeira com um dos bolsistas que acompanhou o projeto no momento da fundação e, a segunda com uma das participantes mais antigas, orientaram a construção desse capítulo.

O livro tinha como título *Nossas vivências no CELARI* e, já nas primeiras páginas, trazia o seguinte parágrafo:

Inicialmente, um novo caminho, uma busca pessoal, uma intuição ou o desejo de empregar esforços em um trabalho que tivesse as características motivadoras de unir felicidade, prazer, realização e desafio pessoal (SANTIAGO, 2007, p. 11).

³A partir de uma conversa com Andréa, optei por utilizar os nomes reais das pessoas que coordenam o projeto. Portanto, Diná, Andréa e Eliane são os nomes verdadeiros. Todos os demais nomes utilizados nesse trabalho são fictícios.

Assim relata a professora Diná quando se refere à criação do projeto, que iniciou suas atividades em junho de 1999 pela iniciativa da professora em conjunto “com um pequeno grupo de desbravadores” (2007, p. 11), como ela mesma comenta. Naquele momento, fim dos anos 1990, nem Diná e nem ninguém sabia ao certo que tipo de atividades poderiam ser desenvolvidas com os idosos ou que tipo de atividades eles poderiam realizar. De acordo com Osvaldo, bolsista que compôs o grupo inicial do projeto, uma das idéias pensadas pela professora era de que idosos, professores de educação física aposentados, pudessem dar as aulas. Segundo o bolsista “foi uma reviravolta na época, uma revolução. Pessoas dizendo que não podia, onde já se viu uma coisa dessas?” (Osvaldo em entrevista).

Além dessa idéia, ousada para a época, “*um dos princípios da professora Diná com o CELARI, era a educação por autonomia, a educação por liberdade, esses eram os princípios que ela tinha como fundamentais na fundação do projeto*” (Osvaldo). Tanto a ideia de convidar professores aposentados, quanto à *educação por autonomia*, seriam pontos marcantes ao longo dos anos do projeto, e refletiriam na dinâmica do CELARI no período em que eu faria minha pesquisa. Mas nesse momento, o de aproximação, eu ainda não sabia disso.

Quando surgiu, faziam parte do CELARI, além da Diná, uma professora de dança, três bolsistas selecionados para iniciar o projeto e um bolsista que auxiliava Diná nas aulas da graduação. Na entrevista realizada com Osvaldo, ele comenta que na reunião de abertura do projeto havia cerca de 30 idosos, que ficaram sabendo do início das atividades através da publicação de uma notícia, em um jornal local. Algumas semanas após, uniu-se a equipe Eliane Jost Blessmann, assistente social de formação, e “braço direito da professora Diná”, segundo a própria professora.

Desde o início, o projeto está localizado no Campus Olímpico da Escola de Educação Física da UFRGS, especificamente do no prédio do Centro Natatório. Um prédio robusto, de concreto no andar térreo, e de vidro no andar superior. Foi construído na década de 1970, 30 anos após a criação da ESEF, a mais antiga Escola de Educação Física do estado⁴. A Escola se localiza no bairro Jardim Botânico, um bairro de classe média da cidade de Porto Alegre, que segundo dados da prefeitura municipal do ano de 2010, abriga aproximadamente 12.500

⁴GUTIERREZ, 1971.

habitantes⁵. No período da fundação ocupava um espaço menor que ocupado atualmente, tinha-se disponível uma sala pequena no fundo do Centro Natatório onde a secretaria do projeto se estabeleceu e outra sala (sala 7) para realização de algumas das aulas.

Naquela época ofertava-se um conjunto de atividades: caminhada, recreação e jogos, dança, ginástica localizada, alongamento e ioga, nas segundas, quartas e sextas feiras, no período da tarde. No mês de outubro do ano da fundação, anexaram-se ao projeto as *oficinas*⁶ de natação e hidroginástica.

Além dos exercícios físicos também faziam parte da programação do CELARI, o que, naquele contexto, era denominado de *atividades sociais*. Segundo Osvaldo, na realidade, “no início era uma comilança. Nos reuníamos aqui, cada idoso trazia um lanche, colocávamos numa mesa grande e fazíamos um café”. Esse encontro era realizado semanalmente e no final do primeiro ano foi organizado um passeio de encerramento das atividades.

Após o primeiro semestre de atividade o número de pessoas no projeto aumentou. Além da equipe já constituída, mais dois bolsistas se juntaram a eles e o número de participantes idosos também cresceu. Segundo Silvana, uma das participantes mais antigas do projeto, “eu já fazia natação na ESEF, comecei há 25 anos atrás, e depois das férias daquele ano resolvi entrar no CELARI. Em março de 2000 tinha uma fila aqui na porta de interessados para fazer a inscrição, inclusive eu estava na fila”.

As atividades sociais eram organizadas pelos bolsistas e os idosos auxiliavam. Com o passar do tempo os idosos começaram a assumir a organização dessas atividades e os bolsistas assumiram o papel de auxiliares. Algum tempo depois, além do lanche das sexta feiras, os bailes entraram para a agenda social do projeto. “Primeiro era no Chopão⁷, depois começamos a ir pro *Se Acaso Você Chegasse*⁸ e depois fomos para o Chipp’s⁹”, segundo o bolsista. “Há uns seis anos atrás começamos a fazer os encontros um mês no Chipp’s, pra quem gosta e pode sair de noite e no outro mês o galetto, na hora do almoço, pra quem gosta de sair de dia” (Silvana).

⁵Dados da Prefeitura de Porto Alegre.

⁶Oficina é um termo nativo que diz respeito as aulas ou atividades que o projeto oferece.

⁷Restaurante tradicional conhecido pela culinária e pela música alemã.

⁸Casa noturna localizada em bairro boêmio de Porto Alegre.

⁹Informações sobre essa casa noturna estão detalhadas ao longo desse capítulo.

A ideia da professora Diná de oportunizar que professores de educação física aposentados pudesse ministrar as oficinas, não se perdeu totalmente. Foi assim que surgiu a ideia do *coral* do CELARI. Como inicialmente não foi possível que eles assumissem as oficinas que envolvessem atividade física, a alternativa foi convidar umas das participantes para organizar o *coral*. Assim, semanalmente os interessados se reuniam e, orientados pela participante, realizavam os ensaios. Essa atividade acontece até hoje, da mesma forma, e ministrada pela mesma pessoa.

Após 12 anos de existência, o CELARI ocupa um espaço físico bem maior que o inicial. As dependências ocupadas pelo projeto hoje ainda fazem parte do centro natatório da Escola, porém hoje o espaço utilizado abrange duas salas para as atividades físicas (sala 7 e 12) e a secretaria foi transferida para outro espaço e, anexa a ela, uma possui uma sala de convivência.



**Ilustração 3: Centro Natatório da ESEF. Década de 1970.
Fonte: CEME – Centro de Memória do Esporte.**

Como na época da fundação, alguns espaços do Centro Natatório são comuns a outros projetos de extensão e atividades da Escola, como as piscinas, salas de aula e de ginástica e vestiários. Apenas a sala principal e a sala 12 (ao lado da primeira) são exclusivamente utilizadas para o projeto.

A sala principal é o espaço de convivência dos participantes do projeto. É essa a que faço referência quando uso a expressão *casa da vó*. Logo na entrada dessa sala pode-se observar uma mesa redonda de madeira com cadeiras à volta. Frequentemente, essa mesa é utilizada para uma conversa acompanhada de um cafezinho enquanto se espera o início de alguma oficina. Em frente dela há um balcão onde ficam a cafeteira, copos, potes com biscoitos e bolos. Logo no início da manhã a cafeteira já começa a funcionar, assim que algum participante ou bolsista toma iniciativa e prepara o primeiro café da manhã para os demais - assim segue durante todo o dia. Os produtos são comprados com a arrecadação da *caixinha*, que é uma contribuição voluntária feita por alguns dos participantes.

Na sala principal também há uma geladeira com refrigerantes e garrafas de água que são vendidos. De fato nenhum participante é responsável pela venda desses produtos, os interessados em comprar depositam o dinheiro em um pote plástico que fica em cima da geladeira e pegam o produto. Logo ao lado encontra-se um armário com pratos, talhares, potes e outros materiais de cozinha, que são utilizados nos almoços e festas realizados. Entre o armário e a geladeira há uma pequena porta que dá acesso a um espaço chamado de *porão*. Nesse espaço pequeno, com teto baixo (pois fica abaixo da escada que dá acesso ao andar superior) ficam guardados os instrumentos musicais do grupo de percussão do projeto, algumas mesas e cadeiras, e outros materiais de uso nos almoços e no cotidiano do projeto.

Ao longo da sala ainda vê-se dois sofás com duas poltronas em frente, onde quase sempre encontro senhoras sentadas conversando enquanto esperam o início da aula ou tomando um café no término de uma atividade. Atrás das poltronas há um armário de vidro com várias canecas e copos que podem ser utilizados por aqueles que não querem tomar café em copos descartáveis. As canecas são de múltiplas cores, motivos e formas. São decoradas com flores, pássaros e algumas com o nome dos participantes. Elas foram trazidas pelos próprios.

Uma estante alta de madeira escura com um aparelho de som e uma televisão (que normalmente estão desligados) estão entre os dois sofás. Ao lado do sofá menor está um fogão industrial, coberto por uma capa plástica para proteção, com um vaso de flores em cima. Esse fogão foi comprado pelos participantes para utilizarem nos eventos festivos. Os móveis e utensílios presentes nessa sala foram adquiridos em grande parte por doações dos próprios participantes, ou comprados

com o dinheiro arrecadado nas festas. Em alguns casos os móveis doados são carregados de recordações, como a mesa redonda que foi doada por uma das idosas e que pertenceu a seu filho, já falecido.

As paredes dessa sala possuem murais onde os avisos sobre as festas e viagens são colocados, assim como, a agenda dos aniversários e recados diversos, como os de falecimento de membros. Há também um espelho grande ao lado da mesa onde alguns permanecem por momentos arrumando os cabelos, passando batom, ou simplesmente dando uma rápida olhadinha no seu visual.

E é nesse espaço onde se discute e organiza as atividades do projeto, onde se estabelece a relação dos participantes com a coordenação e com os bolsistas. Além dos momentos do café, as reuniões mensais entre a coordenação e os participantes acontecem nessa sala. Posso dizer que esse espaço é um termômetro do projeto. Nas segundas e quartas feiras, dias de mais oficinas e conseqüente de mais participantes circulando, a sala está sempre cheia. Se acontecer algo no decorrer de uma oficina que desagrade alguém, é naquele espaço que será discutido.

No interior da *casa da vó* está localizada a sala da coordenação do projeto, uma sala pequena e muito fria, utilizada pelos bolsistas e pela coordenação. Nessa sala há dois computadores, a mesa da Eliane e a mesa da Andréa de frente para a primeira. Essas mesas são utilizadas pelos bolsistas também quando estão vagas. Outra mesa é utilizada para colocar as mochilas, casacos e uma cesta que muitas vezes está repleta de bananas, maçãs, bergamotas que são trazidas por uma das participantes.

Essa sala também é freqüentada pelos participantes quando querem conversar com os bolsistas ou com a coordenação, assim como, nesse espaço são recebidos os interessados em participar do projeto. As pesquisas, os trabalhos científicos, planejamento das aulas, organização das chamadas, enfim, tudo que diz respeito à rotina administrativa do CELARI é encaminhado nessa sala menor.

Além dos espaços de convivência e de secretaria, existem os que são utilizados para a realização das oficinas. Logo ao lado sala de convivência está localizada a outra sala exclusiva do CELARI, a sala 12. Essa é uma sala menor que a primeira onde são realizadas as oficinas de alongamento, equilíbrio e ginástica

localizada. Nela estão os materiais utilizados nas aulas, como halteres, colchonetes, bolas, caneleiras, aparelho de som e algumas cadeiras¹⁰.



Ilustração 4: Sala 12
Fonte: Arquivo pessoal

Ainda há outra sala, a sala 07, onde ocorrem as oficinas de dança, alongamento e ginástica localiza. Essa é maior que a sala 12 e possui espelhos em toda a extensão de uma das paredes. Da mesma forma, possui aparelho de som e os mesmos materiais da outra sala, com exceção das bolas, que quando necessárias são buscadas na sala 12. E esses são apenas os espaços utilizados no andar térreo do centro natatório.

¹⁰ As pessoas presentes nas fotos que seguem tiveram seus rostos não identificados por uma questão ética.



Ilustração 5: Sala 7
Fonte: Arquivo pessoal

Tal é a movimentação no CELARI, que antes mesmo de passar pela recepção do Centro Natatório, normalmente já é possível ouvir as vozes dos participantes do projeto pelo corredor. Geralmente são vozes de quem está indo ou voltando das atividades aquáticas que são realizadas no andar acima. Esse espaço possui duas piscinas que são utilizadas pelo CELARI, por outros projetos de extensão e pelas aulas da graduação.

Na piscina menor são realizadas as oficinas de hidroginástica e natação. As de hidroginástica são as aulas mais frequentadas do projeto, concentra por volta de 45% dos participantes¹¹. Tanto que no turno da tarde existem duas turmas dessa modalidade e no turno da manhã, uma turma. A maioria dos participantes dessa oficina são mulheres e antes das aulas elas passam pelo vestiário feminino para trocar de roupa, deixar suas mochilas e bolsas, e tomar uma ducha antes de entrar na piscina.

Como normalmente chegam antes do início da aula, elas ficam sentadas em um banco de madeira que está localizado ao lado da piscina junto com algumas cadeiras de plástico. Ficam ali observando o término da aula anterior (quando há),

¹¹Dado referente ao estudo de Bregagnol, Dias, Gonçalves e Meneses (2012).

conversando sobre as aulas, sobre o fim de semana, família, passeios, receitas. Os assuntos são variados.



Ilustração 6: Piscina menor e sala de musculação
Fonte: Arquivo pessoal

Ao lado dessa piscina foi organizada durante o ano a sala de musculação da Escola. Esse espaço é utilizado como uma academia aberta ao público, mas também é utilizado para desenvolver aulas do curso de graduação. Além disso, os projetos de extensão (como é o caso do CELARI) possuem alguns horários disponíveis para ofertar aos seus participantes. No segundo semestre de 2011 o CELARI possuía quatro horas semanais na academia, onde seis alunos de cada vez realizavam seu programa de exercícios acompanhados por bolsistas do projeto.

A outra piscina localizada nesse andar é maior e nela ocorrem as aulas de jogging aquático. É uma aula pouco freqüentada, durante minhas observações poucas vezes presenciei o número de participantes excederem a oito, por aula. Apesar das mulheres também predominarem nesse espaço, é a oficina que reúne o maior número de homens. Observei aulas em que metade dos participantes eram homens.



Ilustração 7: Piscina grande
Fonte: Arquivo pessoal

Ainda existe outro espaço que não está dentro do centro natatório, mas localizado ao lado dele e muito freqüentado pelos participantes, é o Galpão Crioulo, conhecido localmente apenas como *galpão*. Esse também é um espaço comum da ESEF, utilizado para quase todos os momentos de comemoração do CELARI, como os almoços e as festas folclóricas. Um espaço de madeira, rústico, amplo e circular, com muitas mesas e bancos de madeira, uma churrasqueira grande e dois balcões de concreto em frente a um fogão e uma pia.

Para as festividades, o galpão é decorado pelos bolsistas com a orientação dos participantes. Não de todos os participantes, mas por um grupo formado por algumas mulheres que sempre organizam as comemorações, e estão engajadas na formulação da agenda de eventos sociais, na organização da sala do café, estão presentes nas reuniões, e em todos os momentos possíveis que envolvam os participantes. Apresentarei esse grupo e discutirei seu espaço dentro do CELARI nas páginas que seguem esse capítulo.



Ilustração 8: Galpão
Fonte: Arquivo pessoal

Além do galpão existe outro espaço onde ocorre uma das atividades sociais do CELARI, o Chipp's, já citado anteriormente, no início do capítulo. O Chipp's é uma casa noturna com serviço de bar e restaurante que existe há 30 anos e está localizado na *Cidade Baixa*, bairro boêmio de Porto Alegre. A cada dois meses os participantes do CELARI reservam algumas mesas e se encontram lá para jantar e depois dançar. Esses encontros são sempre realizados nas noites de quarta-feira e envolvem além dos participantes, alguns familiares e alguns bolsistas do projeto.

Retornando para as atividades diárias do projeto, durante o período de minha pesquisa, o projeto desenvolvia *práticas corporais de saúde e de lazer* para pessoas a partir de 50 anos de idade, organizadas em oficinas que ocorriam de segunda a quinta-feira, com duração de 50 minutos cada. Essas práticas corporais são desenvolvidas na forma de oficinas, ministradas por acadêmicos da educação física, fisioterapia e dança, sob a supervisão da coordenação do projeto.

De acordo com a Proposta de Ação de Extensão – PROREXT/UFRGS, o CELARI engloba os cursos de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

As oficinas oferecidas para o ano de 2011 pelo curso de educação física são: ginástica localizada, alongamento, jogos esportivos

adaptados, hidroginástica, jogging aquático e natação. A oficina do curso de fisioterapia trabalha com avaliação e manejo da dor. A dança é desenvolvida pelo curso de Dança.

Soma-se a essas oficinas a de musculação e a de equilíbrio. A primeira voltou para a rotina do projeto, no segundo semestre, após alguns meses de interrupção por falta de horários disponibilizados pela academia da Escola. A segunda, oficina de equilíbrio, foi criada no fim do primeiro semestre.

Considerando a grande rotatividade que se apresentava em 2011, os participantes estavam em torno de 150¹², pagavam uma mensalidade e até o término do ano, podiam participar de quantas oficinas quisessem, de acordo com as condições físicas, recomendações médicas, interesse, indicações do projeto e disponibilidade de tempo.

Olhando de forma macro para o CELARI, considero importante trazer alguns dados publicados no trabalho de Bregagnol e colaboradores (2012), que dizem respeito às características sociais e etárias dos participantes. Assim como em outros projetos destinados a idosos, no CELARI vêem-se reflexos da *feminização da velhice*, pois 84,1% dos participantes são mulheres. Apesar de apenas 15,9% serem homens esse número é significativo, pois empiricamente se referencia pelos projetos que desenvolvem atividades com idosos, que a média de participação de homens em projetos está em torno de 10%.

Em relação à composição familiar, 32% dos participantes do CELARI moram apenas com seu cônjuge. Os casados e os viúvos são os grupos com maior concentração quando se fala de estado civil, representando respectivamente 47,5% e 26,7%. Um dado que também julgo ser importante diz respeito à escolaridade dos participantes, 40,6% cursaram ou concluíram o ensino superior.

O grupo etário com maior representação numérica é o grupo de 70 a 79 anos de idade, contemplando 39,3% do total dos participantes. Apesar de o CELARI ser um espaço para idosos (como indicado no nome do projeto) 12% dos participantes tem entre 50 e 59 anos, pois o projeto oportuniza a participação de pessoas acima de 50 anos de idade.

A partir do segundo semestre de 2011, quando a professora Andréa assumiu definitivamente o cargo da professora Diná, algumas mudanças importantes na organização do projeto começaram a ser anunciadas. Qualifico essas mudanças

¹²Dados relativos ao levantamento realizado em outubro/novembro de 2011

como importantes na estrutura do CELARI, pois são geradas a partir do cotidiano e mudaram sua dinâmica. Essas mudanças estavam ligadas a limitar o número de oficinas que cada participante poderia realizar, diminuir o valor cobrado mensalmente dos idosos, alterar o horário de realização das principais oficinas, mudança nas atividades sociais¹³ e mudança de nome do projeto¹⁴. Apesar de serem concretizadas somente em 2012, após o retorno do período de férias, o segundo semestre já indicava que essas mudanças não agradariam a todos.

O objetivo desse capítulo foi de apresentar e caracterizar o projeto CELARI partindo da história de sua fundação, seus fundadores, estrutura física, equipe de trabalho e breve apresentação dos participantes. A descrição realizada teve a intenção de aproximar o leitor ao contexto estudado, aos espaços, onde nos próximos capítulos, serão discutidas as relações que os permeiam.

¹³ Nesse momento o objetivo é de apenas apresentar as mudanças que ocorreriam. Essa questão será aprofundada nos próximos capítulos.

¹⁴ A partir de 2012 o nome do projeto mudou para CELARI - Centro de Estudos de Lazer e Atividade Física do Idoso. Do meu ponto de vista, a mudança do nome reiterou a mudança de olhar da coordenação sob o projeto, uma tentativa de qualificar e dar visibilidade as práticas corporais cotidianas e as pesquisas acadêmicas.

5. VIVENDO E ENVELHECENDO: FORMAS DE VIVER O CELARI

“Tem café novinho para os *celarianos!*” (Diário de Campo, 18 de abril de 2011). Ainda no primeiro mês de observação, entre estranhamento e curiosidade, foi dessa forma que ouvi pela primeira vez a expressão *celarianos*. Mas então, quem é o *celariano*? Será que todos que participam do projeto são *celarianos*? Quem são essas pessoas que, entre outras possibilidades de viver o envelhecimento, escolhem vivê-lo no CELARI? Porque optam por viver o envelhecimento num contexto coletivo e plural? Essas são algumas das questões que orientam esse capítulo.

5.1 SER CELARIANO

Na tentativa de responder ao primeiro questionamento, remeto-me a fala de uma das participantes mais antigas do projeto, Silvana, que diz em entrevista: “todo mundo é *celariano*. Vestiu a camiseta (enquanto aponta para a camiseta que veste do projeto), participa de alguma atividade e toma um cafezinho, já é *celariano*”. A partir dessa fala, no primeiro momento, pode-se pensar que basta estar inscrito no CELARI que já se pode considerar um *celariano*. E de fato, muitos pensam dessa forma.

Mas se olharmos mais atentamente, três questões estão por traz da fala de Silvana: a identificação visual com o projeto (vestir a camiseta), a participação em alguma atividade¹⁵ e estar presente no momento do café. Realizarei a discussão desses três pontos através de três protagonistas: Silvana, Adriana e Sandra. Elas são componentes de um pequeno grupo de idosos chamado por alguns de “*turma do barulho*”.

Durante o risoto dessa sexta feira algumas coisas começaram a fazer sentido pra mim. Desde que cheguei ao galpão para ajudar nos preparativos do risoto, meu sentimento era de que os bolsistas eram os participantes e os idosos eram os organizadores do projeto. Como se existisse uma inversão de papéis entre quem era participante do CELARI e quem coordenava, organizava. Algumas idosas cuidavam da cozinha com a ajuda de 5 bolsistas. As idosas diziam como separar as saladas, como organizar a bancada, onde deveriam deixar as bebidas. Outro grupo de bolsistas era informado sobre como decorar o galpão, onde colocar os balões, de que forma

¹⁵Nesse caso *atividade* não se restringe às oficinas.

posicionar as mesas e bancos e como seriam servidos os pratos do almoço. Os bolsistas por sua vez seguiam à risca todas as tarefas, inclusive eu. Fazia tudo de acordo com o indicado, mas diferentemente deles, parecia que somente eu não estava achando aquilo tudo natural (Diário de Campo, 03 de junho de 2011).

É nesse contexto que transita a *turma do barulho*. No excerto acima, quando relato como as idosas organizam alguns momentos, esclareço que somente algumas fazem e podem fazer dessa organização, somente algumas possuem autoridade, elas são as integrantes dessa *turma*. A autoridade que elas possuem está ligada principalmente a dois fatores: tempo de participação no projeto e tempo que dedicam ao projeto. A *turma do barulho* pertence a uma mesma geração do CELARI. A geração identifica um grupo que vivenciou um determinado contexto histórico, que pode ter idades aproximadas, mas que fundamentalmente compartilharam de um mesmo processo de socialização (BRITTO DA MOTTA, 2010).

Em sua tese de doutorado Gonçalves (1999 appud BROMLEY, 1990), afirma que “a socialização para a terceira idade é o processo pelo qual se desenvolvem certas crenças, atitudes, valores e práticas que conduzem à conformidade com as normas prevaletentes” (s/p). Esse grupo participou dos primeiros anos do projeto, viu e ajudou a construir muito do que existe até hoje: espaços, atividades e tradições. Acompanhou a expansão da ocupação dos espaços, a partir de uma sala pequena, *escondida* no fundo do centro natatório. A *turma do barulho* ajudou a constituir muitas das dinâmicas que são fundamentais para o CELARI ainda nos dias de hoje.

A passagem do meu diário também representa um dos arranjos organizacionais do CELARI. Foi preciso quase dois meses de convivência com o grupo para identificar o que era minha sensação de estranheza com a dinâmica do projeto, sensação essa que me perseguiu desde a primeira semana de observação. Até então a única experiência que tive em um projeto para idosos, alguns anos atrás, me mostrou uma realidade diferente da que se mostrava à minha frente, e minha primeira iniciativa foi encontrar um padrão entre o projeto anterior e o CELARI. Foi através da tentativa de buscar um padrão, algo na experiência prévia que me ajudasse a entender algumas das dinâmicas construídas ali, que a estranheza se fez presente.

A partir desse *risoto* comecei a perceber os participantes de outra forma. Comecei então a pensar neles não mais como apenas sujeitos passivos, mas como protagonistas que influenciavam na rotina do projeto. Essa mudança de perspectiva me ajudou a olhar para uma questão que está implícita no campo, os *colaboradores*, e eles estão diretamente ligados ao *ser celariano*.

Através de breve apresentação, retomo, nesse momento, as três protagonistas citadas anteriormente. A primeira já foi citada no capítulo anterior e no início deste, dei para ela o nome de Silvana, uma das integrantes mais antigas do projeto. Ela é artesã, tem 69 anos, é divorciada e mora sozinha. É uma das pessoas que mais vi no CELARI durante a minha pesquisa. Independente do horário ou do dia da semana as chances de encontrá-la por lá sempre eram grandes. É uma pessoa muito comunicativa e interessada pela vida dos demais, sempre sabia quando alguém se afastava do projeto e quais eram os motivos. Participa da oficina de dança, do grupo da percussão e das aulas de ginástica.

Adriana é a segunda protagonista, alguns anos mais jovem que Silvana, mas está no projeto quase o mesmo tempo. Um pouco menos comunicativa que a primeira e um pouco mais séria de expressão, mas da mesma forma está sempre pelo CELARI e sempre envolvida com algo que lá acontece. Quando não está nas oficinas (de dança, alongamento e percussão) se ocupa molhando as plantas, fazendo o café, arrumando o mural de recados.

A terceira protagonista chamei de Sandra, tem quase a mesma idade que Silvana, mas circula bem menos no projeto que ela. Só fui conhecê-la depois de algumas semanas de trabalho de campo, durante um dos almoços. Sandra participa do grupo da percussão, inclusive sabe tocar muitos instrumentos musicais. Ela também participa das aulas de dança. Das três, ela é a senhora com quem tive menos contato.

A partir de então, me detenho ao *colaborador*, expressão que nasce do campo e foi criada a partir de um momento pontual do projeto. Ela surge durante um curso de extensão denominado “Agente social de lazer”, realizado no CELARI, organizado pela Eliane, onde o objetivo era incentivar a formação de agentes sociais que desenvolvessem ações dentro do projeto, como informou Silvana durante a entrevista. De acordo com Gomes e colaboradores (2011) o curso foi oferecido a todos os participantes do projeto na época, cerca de 180, e apenas 16 mulheres aderiram.

Segundo ela, durante o curso foram formados quatro grupos entre os integrantes, no qual cada grupo deveria escolher uma atividade que atingisse os demais participantes do CELARI e elaborar propostas para que as ações fossem concretizadas. Os participantes desses grupos foram chamados de *colaboradores*. Um dos grupos optou por ser o responsável dos passeios do projeto, outro escolheu organizar a colônia de férias, o terceiro decidiu iniciar a oficina de literatura.

Eu não sabia o que fazer. Então tive uma idéia e conversei com as gurias. Pensei num grupo pra cuidar da manutenção do nosso projeto. Era pra cuidar da limpeza, dos móveis, pra arrumar o que precisar, pra chamar a moça pra limpar a sala quando preciso, ver as lâmpadas, essas coisas (Silvana em entrevista).

Dos quatro grupos apenas dois permanecem ativos, o da manutenção e o da literatura e suas ações são vistas constantemente, não apenas no interior dos espaços específicos ocupados pelo CELARI. Apesar do curso realizado em 2010 ter gerado a constituição e denominação específica dessas atividades, “na verdade o grupo faria o que eu já fazia antes”, diz Silvana.

Esse grupo merece atenção por duas questões. A primeira diz respeito à constituição desse grupo ser efetivamente de mulheres¹⁶. Podemos primeiramente refletir sobre a época em que essas mulheres foram educadas e para *o que* elas foram educadas. Uma época na qual a desigualdade entre os gêneros era muito superior à encontrada, e ainda confrontada, nos dias atuais. Na dimensão educação está relacionada aquela presente nas instituições formais como a escola, como aquela vivenciada através das relações, da socialização. Essas mulheres nasceram em meados dos anos de 1950, uma época em que a opressão à mulher estava presente no âmbito familiar e social. Onde o papel da mulher era constituído e determinado desde cedo ao caráter reprodutivo e ao caráter de cuidado das crianças e do lar.

Embora muitos trabalhos apontem a condição da mulher idosa como vulnerável e frágil, no CELARI, outra perspectiva possível também se apresenta através das *colaboradoras*. Não que a ingenuidade se faça presente neste ponto e as questões de desigualdade, discriminação, fragilização (entre outras) que atingem a mulher idosa queiram ser *invisibilizadas*. A questão aqui é de encaminhar a

¹⁶Nesse caso tratarei apenas das mulheres que constituem o grupo de colaboradores. No segundo tópico desse capítulo trarei outras discussões relacionadas ao gênero olhando para o CELARI de forma ampla.

discussão para outra direção, é pensar que algumas mulheres do CELARI vivenciam a velhice a partir de outras experiências e condições.

Se desde a infância e ao longo das suas vidas essas mulheres foram subordinadas aos pais, aos maridos, no CELARI o grupo das *colaboradoras* tem liberdade, competência e espaço para auxiliar na gestão do espaço e das atividades. Elas possuem autoridade para organizar as atividades sociais e para distribuir as tarefas. Pode-se dizer que o projeto se constitui em um espaço onde elas podem exercer papéis antes negados a elas pela condição de serem mulheres, onde elas se empoderam dos espaços e das dinâmicas.

Embora *colaboradora* e *celariano* estejam estreitamente ligados, alguns homens também apresentam as características de *celariano* mesmo não sendo *colaboradores*. São homens que também estão há muitos anos no projeto, que participam das atividades (físicas e sociais), mas que não compartilham dos momentos de organização das atividades, das distribuições das tarefas. A participação deles no projeto não é tão ativa e tão presente quanto à participação delas.

A segunda questão se relaciona ao fato de que ser reconhecido como *colaboradora* parece que só faz sentido para essa turma, formado basicamente pelas próprias *colaboradoras*. Esse grupo se legitima e é reconhecido pelos demais através das ações que desenvolvem (manutenção da sala, organização dos almoços e jantares), mas grande parte dos outros *participantes* do projeto não conhece essa denominação; apenas reconhecem o grupo e suas ações. Essa situação é tão evidente que eu ouvi falar pela primeira vez na expressão *colaboradora* no momento da entrevista com Silvana, onde ela inicia sua apresentação falando que é uma “colaboradora do CELARI”.

Os demais reconhecem a autoridade do grupo na crença de ser porque elas possuem mais tempo de projeto e/ou possuem mais tempo em suas rotinas para se dedicar a ele. De fato, a função que as *colaboradoras* exercem já era exercida por elas antes mesmo do curso ministrado por Eliane e da denominação. O cuidado com o espaço e algumas das pessoas que se responsabilizavam por isso, já o faziam desde os primeiros anos do projeto. Através de muitas passagens dos meus diários, relato como isso ocorre. Apresento um exemplo abaixo:

Saindo do banheiro da entrada do centro natatório, encontro a Adriana de frente para a porta com duas placas e fita adesiva nas mãos. Pergunto a ela se está precisando de ajuda para algo e ela me mostra as placas onde estava escrito “feminino” e “masculino”, que ela comprou em uma loja de artigos de 1,99, para colocar nas portas dos banheiros (Diário de Campo, 16 de novembro de 2011).

Até então esses dois banheiros eram identificados com folhas de papel escritas a mão livre. Segundo Adriana, “as folhas escritas a mão não eram adequadas”. O grupo de colaboradoras da manutenção se sente com liberdade para intervir num espaço pertencente a um prédio público. Também é esse grupo que organiza grande parte das atividades sociais, incluindo os almoços (galletos, risotos). O grupo é composto por um pequeno grupo de mulheres no núcleo principal, mas conta com a ajuda de outras mais, quando preciso. Silvana também integra desse grupo, e nem sempre elas concordam com decisões a serem tomadas, como descrevo abaixo:

Cheguei no CELARI na hora do almoço e encontrei na sala pequena a Adriana, Silvana e Beth fazendo algumas medições em uma as paredes para mandar colocar prateleiras na sala. Essas prateleiras seriam para guardar as caneleiras, halteres, colchonetes, todos os materiais utilizados nas aulas e que hoje ficam dentro de caixas de papelão ou no chão. Larguei minha mochila na sala dos bolsistas, peguei um café e me juntei a elas. Fiquei observando Silvana tentando coordenar as coisas, medindo e fazendo um esboço de como poderia ficar as prateleiras. Visivelmente Adriana estava desconfortável, pois Silvana queria impor as suas ideias, ignorando as sugestões dela. Depois de um tempo, Adriana desistiu de opinar, mas mesmo assim ficou ali respondendo as perguntas e ajudando, depois que percebeu que não teria como competir com a insistência de Silvana em fazer as coisas ao seu modo.

Mesmo às vezes não concordando com as ideias uma da outra, ou sem, aparentemente, dar importância para o que a outra lhe sugeria, estão sempre juntas organizando a rotina e cuidando das salas. Mas se, quando se refere à manutenção dos espaços, Silvana se apresenta de forma mais enfática, quando falamos dos almoços, quem parece tomar as decisões finais é Adriana.

Revisitando meus diários, constato que as primeiras vezes que Adriana aparece neles é quando me refiro aos almoços: “os ingressos estão sendo vendidos pela Adriana”; “perguntem a Adriana que horário devemos chegar para ajudar”; “a Adriana vai buscar o bolo da sobremesa”. E de fato ela organiza e é reconhecida

pelos demais por isso. Ela se envolve em todo o processo que cerca a organização dos almoços, desde a venda dos ingressos, que normalmente custam R\$ 15, passando pela compra dos mantimentos e bebidas, a organização da cozinha no dia do almoço e a arrumação final.

Tradicionalmente nos almoços são servidos galletos, por isso a expressão “quando será o próximo galeto?” é recorrente no projeto. Segundo Silvana, em sua entrevista, esses momentos do almoço surgiram para reunir os integrantes, inclusive aqueles que não podem ou não gostam de sair à noite, que não vão ao CHIP’s, por exemplo.

O dia do *galeto* é um dia muito aguardado no CELARI, tem espaço cativo na agenda das atividades sociais. Durante meu primeiro mês de observação ouvi falar muito dos galletos e na maioria das vezes estava ligado ao nome de um dos participantes, um senhor que sempre era o responsável por assá-los. Como ele estava doente há muitas semanas e não comparecia ao projeto, a data do primeiro *galeto* do ano estava em aberto. Ouviam-se comentários de fazer um *risoto* pela impossibilidade do assador, mas até o mês de maio isso não havia se concretizado. Essa situação permaneceu até o dia 23 de maio, uma segunda feira muito atípica no projeto.

Cheguei bem cedo ao CELARI e diferente dos outros dias não vi ninguém circulando pelos corredores. Ao me aproximar da sala principal a única coisa que ouvia era o som do teclado do computador, nenhuma conversa como de costume, nenhuma risada. Encontrei uma das bolsistas na sala redigindo a nota de falecimento do assador. Ele havia falecido no dia anterior e a nota informava o local e horário do velório. Foi um dia muito triste no projeto, um dia muito diferente dos demais que acompanhei, onde os sorrisos que são vistos a todo momento, foram trocados por lágrimas (Diário de Campo, 23 de maio de 2011)

Permaneci no CELARI durante todo esse dia, onde as oficinas aconteceram, mas no lugar da alegria, típica da rotina do CELARI, a tristeza pairava no ar e nos semblantes dos participantes. E no final da tarde:

Já estava quase indo embora, quando Beth chegou, depois de ter passado o dia todo no velório. Ela passou no projeto para dar notícias do dia e para avisar que será realizado um risoto no dia 03 de junho em comemoração ao aniversário de 12 anos do CELARI. Ela comentou: “Precisamos fazer o risoto! Até agora só tivemos o

CHIP's de atividade social, esse será o primeiro almoço do ano" (Diário de Campo, 23 de maio de 2011).

Apesar da tristeza instaurada na sala, todos concordaram que o evento deveria ser realizado e começaram a pensar no que precisaria ser comprado e em verificar se o galpão estaria disponível para essa data. Utilizei a descrição deste acontecimento com a intenção de mostrar como esse evento é importante na dinâmica do CELARI e mesmo com o falecimento de um dos principais membros, ele aconteceria, de forma adaptada, mas aconteceria. E esse é o espaço da Adriana. Posso dizer que ela está envolvida em todos os níveis desse espaço. Apesar dela e da Silvana representarem duas lideranças muito fortes e por vezes se confrontarem, nesse espaço, o papel da Silvana era o de auxiliar Adriana. Da mesma forma, a partir da inversão de papéis, isso ocorre na organização e manutenção das salas: a Silvana coordena as ações e a Adriana fica no auxílio.

E é nesse espaço, o dos eventos sociais, que surge a terceira protagonista: Sandra. No mesmo dia em que aconteceu o risoto citado acima, ao término dele enquanto eu auxiliava os outros bolsistas na arrumação do galpão, Sandra me pediu ajuda para carregar os instrumentos musicais utilizados na apresentação que a percussão fez durante o almoço. O grupo da percussão foi formado por iniciativa de Sandra e é composto apenas por mulheres que estão a muitos anos no projeto, no qual parte dele é composto pelas *colaboradoras*. No dia do risoto, citado acima, foi quando ocorreu meu primeiro contato com Sandra, e enquanto arrumávamos os instrumentos, ela me contava da sua paixão pela música e de como ela trouxe o espaço da percussão para o projeto.

Ela diz "eu que inventei isso no CELARI. Nós pedíamos para a coordenação, mas acho que eles não levavam muito a sério o nosso pedido, então nos juntamos e chamamos um professor pra nos ensinar e ensaiar. Pra brincar mesmo". Sandra ainda comenta que eles ensaiam todas as terças e quintas às 16hs no galpão, mas os instrumentos musicais que são na maioria dela, eles guardam no *porão* do CELARI (Diário de Campo, 23 de maio de 2011).

Em todos os eventos sociais possíveis Sandra organiza algum tipo de apresentação, seja com a percussão ou com o grupo da dança. É importante destacar o grupo da dança, pois ele não é o mesmo que a oficina de dança. De

acordo com os relatos, esse grupo surgiu a pedido de alguns participantes (incluindo Sandra) na perspectiva de ter um grupo para apresentações.

O relógio da entrada do centro natatório marca 12hs e 30min e já posso ouvir, mesmo antes de passar pela recepção, as vozes de Adriana e de Beth. Elas estão sentadas nos sofás da sala de convivência enquanto comentam sobre o grupo de dança. Assim que cheguei me convidaram para sentar ali com elas. Beth, enquanto fala da seriedade e da disciplina que é preciso ter para participar do grupo de dança, comenta “se tem que se atirar no chão a gente se atira. Quem pode, pode, que não pode, cai fora” (Diário de Campo, 25 de julho de 2011).

Beth se refere ao período em que esse grupo nasceu, mas hoje ele não consegue agregar muitas pessoas e os que ainda comparecem nem sempre estão dispostos, ou são fisicamente incapazes de atender exigências corporais muito rígidas.

Sandra transita por espaços que ajudou a construir, em atividades nas quais ela poderia supostamente demonstrar suas habilidades. Como não integra nenhuma outra oficina, sua circulação se limita ao grupo da percussão, dança e aos eventos sociais onde esses grupos se apresentam sempre cercados de muitos aplausos e elogios. Ela constitui uma estratégia de permanecer num projeto de práticas corporais, mesmo quando suas possibilidades físicas já não acompanham seu próprio ritmo. Nesse momento, retomo a fala de Silvana quando comenta que o *celariano* tem que participar de alguma atividade, e é essa participação não se resume à *oficina*.

Enquanto escrevia meus diários e principalmente essa parte do trabalho, me questionei o tempo todo sobre o porquê de não conseguir me desligar de descrever tanto os espaços e os acontecimentos da mesma forma que descrevia as relações que aconteciam neles. Foi então que percebi o sentimento de *pertencimento* que firmava essa relação, tão importante quanto às relações que acontecem entre os indivíduos é onde elas acontecem. Para Bulla e colaboradores (2007) o sentimento de pertencer “empodera os indivíduos, contribuindo para o sucesso nos projetos coletivos e para sua participação mais ampla na vida social” (p. 180). Nesse caso, sentir-se pertencente ao CELARI está relacionado tanto com as relações que ocorrem e se firmam, quanto com a criação e manutenção de espaços, sejam eles físicos ou simbólicos. O sentimento de pertencimento com o projeto está ligado a um espaço com limites estruturais estabelecidos, no qual elas podem conviver com seus

pares, onde relações de amizade foram construídas através de anos, e essencialmente um espaço constituído com a ajuda delas.

Mesmo que a intenção aqui não seja de estabelecer regras sociais, é interessante analisar o trabalho de Peixoto (1995), no qual a autora pesquisou grupos de idosos de Paris e do Rio de Janeiro, onde buscou entender em que medida as manifestações sociais podiam revelar um sentimento de pertencimento a um espaço territorial determinado. Segundo a autora, o que diferencia um espaço do outro (espaço público e espaço privado - no caso da autora) é o grau de pertencimento aos territórios:

nas praças são os idosos que se apropriam do espaço e, talvez por isso, o sentimento de pertencimento é mais exacerbado; os clubes de terceira idade, por sua vez, são associações criadas e administradas por instituições públicas ou privadas, que impõem maior controle e formalidade às relações entre os idosos. Talvez por isso, o grau de envolvimento destes seja menor (PEIXOTO, 1995, p. 142).

Apesar do CELARI ser um espaço público, uma aproximação possível que pode ser feita com a dicotomia apresentada por Peixoto – espaço público e espaço privado – é a relação entre *lugar* e *espaço*. Segundo De Certeau (2007) o lugar indica uma estabilidade, é uma configuração instantânea de posições. O espaço é constituído pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. O CELARI, nesse caso, seria o espaço onde o sentimento de pertencimento apresentado pelas protagonistas e pelo grupo que elas compõem, seja mais próximo ao sentimento encontrado pela pesquisadora nos espaços públicos.

Apesar do envolvimento com o projeto ser apresentado apenas por um grupo e não representar a totalidade dentro do CELARI, o projeto representa um espaço público no qual é possível, por parte de alguns participantes, desenvolverem ações que adquirem legitimidade. Essa dinâmica tem relação com a forma de administração do projeto, com as possibilidades de interação e apropriação que são oportunizadas pela coordenação.

5.2 OUTRAS POSSIBILIDADES DE VIVER O CELARI

A discussão realizada na primeira parte desse capítulo apresentou um grupo de pessoas e sua forma de *viver* o CELARI. Nesse momento minha proposta é de apresentar outras formas de participação no projeto e quem são as pessoas que a vivenciam.

Elas; muitas mulheres; as idosas; todas as mulheres; somente idosas; outras senhoras; tantas mulheres (...). No momento da escrita desse trabalho, quando pensava em quem eram os participantes do CELARI e porque estavam naquele espaço, eu só conseguia pensar em uma coisa: *mulheres*. E elas não habitavam apenas meus pensamentos, olhando para meus diários, cotidianamente, eu só via elas; mas apesar de serem maioria, elas não estavam sozinhas.

Na literatura há diversas justificativas sobre o tema que tentam entender porque não encontramos, ou encontramos em menor número, homens em projetos ou grupos para idosos, como o CELARI. Uma delas é de origem biológica e tem como base dados demográficos da população e seu crescimento. Os dados dizem que a velhice é *feminina*, pois o número de mulheres permanece acima do número de homens conforme o passar dos anos. O censo demográfico de 2010 (IBGE, 2010), relata que o estado do Rio Grande do Sul possui a maior população de pessoas acima de 65 anos do país (BANDEIRA, 2011); e dentro desse número o censo ainda apresenta que 627.470 são homens e 832.127 são mulheres. Após os 60 anos de idade essa diferença populacional vai aumentando acentuadamente e atinge seu ápice a partir dos 80 anos e mais, onde, no total de 201.901 idosos, 134.166 são mulheres.

Esse movimento é denominado de feminização da velhice (DEBERT, 1999; PAPALETTO NETTO, 2003; CAMARANO, 2004) e é um ponto a ser considerado fundamentalmente quando olhamos para o fenômeno do envelhecimento populacional: o envelhecimento também é uma questão de sexo e gênero. A feminização da velhice, além de indicar um aumento relativo da taxa de mulheres idosas, indica o crescimento de mulheres idosas que atualmente são responsáveis pela principal renda da família e que fazem parte da população economicamente ativa.

Em 1994 já alertava Guita Debert que no Brasil os programas para idosos estavam mobilizando, sobretudo o público feminino, onde a presença masculina

raramente ultrapassa os 10%. Debert ainda dizia que, o entusiasmo apresentado pelas mulheres na realização das atividades propostas pelos grupos, contrastava com a atitude dos homens, que tinham uma postura mais reservada e indiferente. Esse movimento também é característico no CELARI. Enquanto elas circulam mais pelas atividades, participando de duas, três ou até quatro oficinas, a circulação deles se restringe na maioria das vezes em apenas uma oficina. No momento do café essa diferença também pode ser verificada. Enquanto a maioria delas participa de várias conversas e interage com diversas pessoas, eles, na maioria dos casos, procuram estabelecer diálogo com outro homem, se houver, ou com uma ou um grupo pequeno de mulheres.

Em relação ao CELARI, a partir do levantamento de dados realizado durante o ano de 2011, pode-se constatar que a presença masculina chegava a ser de apenas 15% do total de participantes. Esse número é importante porque o percentual apresentado por Debert ainda é utilizado como referência e, além disso, em outros projetos com as mesmas características, os 10% de participação masculina são encontrados.

Pesquisas como a de Alves (2004), retomam o grande número de mulheres dentro dos projetos destinados aos idosos. Para a autora, uma das razões pela maior procura aos grupos ser de mulheres está no fato de “elas não terem sido socializadas no passado em atividades de sociabilidade autônomas” (p. 16). Os projetos seriam espaços fechados, com limites estabelecidos, considerados mais seguros e controlados, onde ofereceriam a possibilidade do exercício da sociabilidade e o aprendizado de novas atividades com orientação de profissionais; acompanhado por outras mulheres que procuram formas alternativas para viver a velhice fora do lar. Para Brito da Motta, as mulheres idosas optam por grupos de lazer ou culturais, grupos caracterizados por uma organização formal, pois talvez seja uma forma de “justificar para a família (e para si próprias) sua ‘saída’ de casa” (BRITO DA MOTTA, 1999, p. 219).

Ao identificar a pouca participação de homens em grupos destinados a terceira idade na cidade de Santa Maria (RS), Coutinho e Acosta (2009) investigaram quais eram as atividades de lazer realizadas pelos homens idosos da cidade. Os autores constataram que os homens idosos se encontravam em três clubes da cidade para jogar cartas, bocha, bolão e sinuca. De acordo com os idosos pesquisados, eles não freqüentavam outros espaços, como os grupos para a

terceira idade, por acharem que as atividades desenvolvidas são pouco estimulantes para eles. Os clubes freqüentados por eles, além de ofertarem atividades de interesse dos homens, são espaços freqüentados por eles há muitos anos, alguns desde a juventude, outros idosos são membros fundadores dos espaços.

E como os participantes do CELARI explicam, ou procuram explicar, essa grande diferença numérica da presença de homens e mulheres? Esse questionamento está relacionado diretamente a uma discussão que o projeto articulou no segundo semestre de 2011. Durante minhas observações, meu olhar já estava acostumado a ver a predominância feminina em todas as oficinas. Mas uma oficina me causava muito estranhamento: a oficina de *jogging aquático*. Posso afirmar que é o espaço onde, proporcionalmente, encontrei mais homens reunidos, ao contrário de outros espaços, os quais muitas vezes 100% eram mulheres.

Essa situação levou a mim e ao projeto questionar porque tantos homens optam por ela, e nesse sentido, a partir dos diários de campo, das entrevistas e da *entrevista coletiva* pudemos encontrar algumas possíveis respostas para o questionamento que são: indicação médica, cultura, rotina de trabalho e interação feminina.

Todos os homens presentes na *entrevista coletiva* indicaram que estão no CELARI por orientação médica. Como comenta um deles: “Eu vim parar aqui por indicação médica. Tenho problema na lombar então o médico indicou pra eu fazer um exercício”. Assim como os outros homens, todos estão no projeto há vários anos; alguns acompanham suas esposas, outros vêm sozinhos e os demais são divorciados.

De acordo com Osvaldo, a pouca presença masculina está ligada a uma questão cultural. Diz ele:

É uma barreira principalmente cultural, os homens que nós temos nesse momento eles vem de outra educação. Culturalmente o homem foi treinado desde pequeno a ser um provedor e jamais aquele que vai se divertir, ou vai conseguir aproveitar nos termos que seja pra benefício próprio. Eu vejo isso muito claro no CELARI. Os homens ao se aposentarem eles entendem que é o momento de não fazer nada. Eles não se permitem ter outras experiências.

Com relação à fala do bolsista, Brito da Motta, em pesquisa realizada durante seu doutorado com grupos de idosos de Salvador (BA), encontrou homens idosos

em associações, federações e confederações de aposentados e pensionistas reunidos na luta por direitos sociais. Segundo a autora, não apenas porque demograficamente os homens são minoria, mas até por tradição eles se reúnem em grupos mais informais: “nos bancos das praças, nos jogos de dominó, nos clubes sociais, dependendo da classe social a que pertençam. Somente agora estão aumentando a participação em grupos mistos de lazer e de atividades culturais, mas de forma lenta” (1999, p. 219).

Segundo um dos participantes do CELARI, outro fator que ajuda a explicar porque os homens são minoria no projeto diz respeito à vida profissional: “Esse horário aí, das atividades, me parece que prejudica os homens que trabalham. Eu tenho o meu negócio, trabalho até perto da hora da aula, venho pra cá, mas depois eu volto para trabalhar” (Francisco, em entrevista). As oficinas do CELARI ocorrem durante a semana nos turnos da manhã e tarde, entre 09hs e 17hs, e de acordo com o relato, por ser em horário *comercial* não atenderia os homens que ainda possuem rotina de trabalho. Ainda segundo ele, quando se refere às mulheres, complementa: “Essas aí acho que nenhuma trabalha”, na tentativa de explicar a grande presença feminina. De fato, muitas mulheres que freqüentam o CELARI são aposentadas e não possuem mais vínculo profissional. As que possuem, geralmente são autônomas: são artesãs, confeitadeiras, costureiras... Possuem uma rotina na qual seu horário de trabalho não é rígido, podendo se ausentar e freqüentar o projeto.

É interessante observar como os homens que participam do CELARI, tentam explicar a grande participação feminina enquanto a participação masculina é menor. Na opinião deles, a grande participação de mulheres está relacionado ao fato da facilidade que elas apresentam de interagir com outras pessoas. Diz Caetano: “elas vem por causa da reunião ali em volta do cafezinho”. Complementa Gilberto: “as mulheres são mais sociáveis que nós homens”. “Na nossa turma tem umas *caturritas*, não param de conversar a aula inteira”, observa Francisco.

Pude acompanhar diversas aulas dessa turma de jogging aquático e, da borda da piscina, presenciei diversas conversas sobre família, fim de semana, culinária, piadas. Mas, contrariando o que foi dito anteriormente, não somente as mulheres eram ativas nas conversas. Os homens conversavam bastante, quando as conversas eram com elas, eles partilhavam os temas, mas quando apenas homens estavam envolvidos, falava-se principalmente de futebol, economia e família.

Nem todos os participantes possuem a dedicação e a forte ligação com o CELARI como a *turma do barulho* possui, apesar de serem ativos tanto das oficinas quanto das atividades sociais. Ou como diria Adriana: “Esses são só participantes, não se envolvem”. Esse é o caso de Clara. Com 67 anos de idade, aposentada, solteira, morando com a filha e a neta, Clara divide seu tempo entre o projeto e mais dois outros projetos, como comenta:

Eu faço ioga há oito anos, mas há dois anos comecei a fazer ali no Araribóia. O grupo lá é muito bom e a professora também. Além da aula sempre tem um passeio, uma palestra, essas coisas boas que reúnem as pessoas.

E continua:

Outra coisa que eu gosto muito é o câmbio, jogo lá na ACM. Comecei há poucos meses, foi quando entrei em férias daqui (CELARI) e como eu não posso ficar parada, conheci o grupo e gostei. Nós jogamos todas as semanas e as vezes vamos jogar em outras cidades. Essa integração é muito boa pra gente. Já fomos jogar em São Leopoldo e lá na serra também. Fomo num baile pra terceira idade lá me Estrela que uma colega do grupo organizou.

Clara representa outra forma de viver o projeto, que se diferencia dos celarianos. Sempre presente nas aulas, é dedicada e está sempre atenta as oficinas. Era participante da primeira oficina que acompanhei e foi uma das primeiras pessoas de quem me aproximei. Sua assiduidade apresentada nas oficinas também reflete sua participação nas atividades sociais. Ela esteve presente em quase todos os momentos festivos do CELARI durante o ano, chegando sempre desacompanhada, mas sem dificuldade de interagir com seus colegas.

Não posso afirmar que é evidente essa distinção entre o celariano e o *participante* para todos no CELARI. No meu ponto de vista essa divisão talvez possa ser interpretada pela forma com que as pessoas *praticam o espaço* (DE CERTEAU, 2007). Para esse autor o espaço é “de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram [...] é o efeito produzido pelas operações que o orientam...” (p. 202). No consenso geral, *celariano* pode ser sinônimo para qualquer pessoa que participe do projeto, que se inscreva numa oficina. Mas, olhando mais atentamente, pode-se ver através das falas que um determinado grupo constitui uma forma de viver o CELARI que está relacionada ao tempo de projeto, ao tempo de

dedicação e ao envolvimento destes. E compartilhar esses predicados permite o acesso a outros espaços, como comenta Elis, em entrevista:

Quando entrei eu queria fazer teatro, macaca como eu sou, mas o teatro era fechadinho, sé entrava quem elas queriam. Depois elas ficam bravas porque dizem que tem panelinha, tem mesmo. Daí eu fiz outras coisas e depois eu fui me infiltrando, fui conhecendo as pessoas, ajudando e então mais tarde eu já fazia o que queria fazer, eu entrei na panelinha. É tudo brincadeira esse negócio de panelinha, não tem não, cada um faz o que quer, elas não podem impedir, ninguém pode impedir.

De fato, nenhum participante tem autoridade para impedir a participação nas oficinas e atividades, mas em alguns espaços a participação precisa ser negociada. A proibição não acontece, mas não necessariamente a pessoa será acolhida e bem vinda naquele espaço. Do meu ponto de vista, a partir deste último excerto, parece-me que a negociação da participação em alguns espaços está ligada a relação que se estabelece com as pessoas que já compartilham deles. De acordo com o que Elis destaca no excerto, conforme ela foi conhecendo as pessoas, convivendo e ajudando nas tarefas, ela foi sendo aceita. Por não ter acompanhado e nem identificado essa aproximação/aceitação durante o período que convivi com o grupo, não tenho outros argumentos para afirmar e/ou contestar essa dinâmica.

Escolher vivenciar a velhice no CELARI é também escolher compartilhar desse universo de disputas e negociações, é escolher participar de um contexto plural onde tradição e pertencimento constroem e orientam a dinâmica das relações. Mas o que leva essas pessoas até ao CELARI? Porque entre outras possibilidades essas pessoas escolhem envelhecer nesse espaço? A resposta para esses questionamentos estão divididas em três possíveis recortes: *corpo*, *saúde* e *sociabilidade*. Essas três categorias serão apresentadas e discutidas nos capítulos que seguem.

6. “NÃO PRECISA ESTAR ESCRITO PRA SABER QUE SOU VELHA”, MAS...: SAÚDE E CORPO NO CELARI

Esse capítulo se propõe a responder o que leva os idosos ao CELARI, o que buscam nesse espaço. As relações entre envelhecimento e saúde contemplam um campo muito explorado pelos projetos/programas que oportunizam a prática de atividade física para idosos. Nesse contexto, parte dos idosos que procuram os projetos também está interessada nos benefícios que a atividade física pode trazer para a saúde deles. E no CELARI isso não é diferente, essa relação pode ser vista tanto no discurso do projeto quanto nos discursos dos participantes.

6.1 “VIM POR INDICAÇÃO MÉDICA”: UM OLHAR SOBRE SAÚDE E CORPO NO CELARI

Questões relacionadas ao tema saúde estão muito presentes no cotidiano do CELARI. De acordo com documentos oficiais, como a Proposta de Ação de Extensão do Projeto CELARI, junto à Pró Reitoria de Extensão da UFRGS, destaca-se um dos objetivos de trabalho do projeto, o *desenvolvimento de práticas corporais de saúde e de lazer para os idosos*.

Outro exemplo da preocupação essa temática está na fala de Eliane: “Nas atividades físicas, trabalhamos para fortalecer a musculatura, visando à prevenção das limitações físicas que surgem com o decorrer da idade”, comentário retirado de uma entrevista ao jornal da UFRGS¹⁷.

Expressões relacionadas ao tema, de forma mais ampla, também fazem parte do cotidiano dos participantes do CELARI. Falas como: “eu estou aqui por causa da saúde”; “vim por indicação médica”; “minha saúde melhorou”; “já não sinto mais dores no joelho”, são exemplos de excertos de meus diários de campo, são falas que ouvi enquanto circulei pelos espaços do projeto.

As relações entre envelhecimento e saúde no Brasil estão fortemente atreladas desde a segunda metade do século XX. Essa relação começa a se estabelecer dentro das políticas públicas no início da década de 1960, quando foi

¹⁷Fala retirada da reportagem: *Idosos, mas muito ativos*, veiculada no Jornal da Universidade, edição de outubro de 2008, número 112.

Disponível em: <http://www.ufrgs.br/comunicacaosocial/jornaldauniversidade/112/pagina5.htm>

fundada, no Rio de Janeiro, a primeira entidade científica a se preocupar com a saúde dos idosos, a Sociedade Brasileira de Geriatria (RODRIGUES; RAUTH, 2006). Foi nesse período que os programas governamentais destinados a encarar o processo de envelhecimento da população em países desenvolvidos começaram a ganhar expressão. O objetivo desses programas era “a manutenção do papel social dos idosos e/ou a sua reinserção, bem como a prevenção da perda de sua autonomia” (CAMARANO, PASINATO, 2004, p.253). Com essa perspectiva inicia-se a formação de grupos formais de convivência para idosos com atividades definidas basicamente como de lazer, na intenção de promover a saúde na perspectiva de ausência de doenças.

Um dos resultados, dentro das políticas públicas, da relação entre saúde e envelhecimento, é muito representativa: o número crescente de programas/grupos públicos e privados de atendimento ao idoso tendo como base a atividade física. Esses grupos utilizam como base principalmente o discurso utilitarista da saúde, o discurso da prática de atividade física regular e sistemática auxiliando e garantindo a melhora da qualidade de vida; considerando que a atividade física contribui para a manutenção da independência do indivíduo nas atividades cotidianas.

Reflexos desta dinâmica são vistos no CELARI:

Durante a reunião geral desse mês, realizada com a presença da coordenação, de alguns bolsistas e de participantes, uma das senhoras presentes destacou a falta que ela e outros estão sentindo da oficina de musculação. Diz ela: “fazíamos um trabalho sistematizado há muitos meses e com a parada das aulas estamos perdendo tudo o que ganhamos: nossos músculos (enquanto mostrava seus braços)” (D. C. 18 de maio de 2011).

A preocupação da participante refletia as falas de outros alunos da oficina de musculação que há alguns anos a freqüentavam. Por motivos externos ao projeto, seus participantes ficaram por muitos meses sem poder utilizar a academia e estavam solicitando em vários momentos a reinserção dessa oficina. O principal motivo utilizado por eles era a perda dos *músculos que conquistaram através muito esforço*.

Exercícios para prevenção de quedas, reforço muscular, aumento da flexibilidade, são expressões utilizadas cotidianamente no CELARI que geralmente estão acompanhadas da expressão *qualidade de vida*. Essa expressão tem sido

cada vez mais utilizada quando está em pauta o envelhecimento, devido à preocupação dos projetos em proporcionar condições de vida adequadas e satisfatórias para essa população (GONÇALVES et al, 2011). Dentro da perspectiva biológica, a proposta apontada por Vendruscolo e colaboradores (2011), aponta que a atividade física é apresentada como uma estratégia importante na busca de uma vida saudável no que diz respeito à prevenção e redução de problemas crônico-degenerativos e perda da independência e autonomia.

No estudo de Matsudo (2002) acerca de envelhecimento, atividade física e saúde, a autora conclui que a atividade física realizada regularmente e a adoção de um estilo de vida ativo são necessários na promoção da saúde e na qualidade de vida durante o processo de envelhecimento. Para a autora, não somente nos idosos a atividade física deve ser incentivada, mas também no adulto, sendo uma maneira de prevenir e controlar as doenças crônicas não-transmissíveis que aparecem mais freqüentemente durante a terceira idade e como forma de manter a independência funcional. Matsudo ainda destaca que devem ser mais estimuladas as atividades aeróbicas de baixo impacto, para estimular a manutenção da força muscular dos membros superiores e inferiores, que seria a prioridade no idoso.

Para Bagrichevsky e colaboradores (2006), essa dimensão da atividade física ou aptidão física associada à saúde também é decorrente da associação realizada por publicações acadêmicas que buscam “advogar a existência de uma relação de ‘causa e efeito’, quase exclusiva, entre ‘exercício’ e ‘saúde’” (p. 24). Ainda segundo os autores, para esses estudos a saúde poderia ser resultado dos efeitos fisiológicos, a priori, determinados pela prática de atividade física.

No campo das políticas públicas, enquanto o crescimento da população idosa se tornava realidade, a qualidade de vida em associação com a saúde e a atividade física se tornava um tema de muita importância. A partir de inúmeras ações durante as três últimas décadas do século passado estimulou-se a criação de programas/projetos de atividade física para essa população. Esses programas trabalhavam na perspectiva de desenvolvimento da saúde como oposição a doenças. Um exemplo desse processo é o Programa da Saúde do Idoso, vinculado ao Ministério da Saúde, uma das frentes de atendimento ao idoso que tinha como objetivo estimular a promoção da saúde e do auto-cuidado.

Nos dias de hoje, entre os programas que promovem a atividade física na busca da saúde, pode-se destacar o Programa Agita São Paulo, conhecido

nacionalmente. De acordo com Matsudo (2000, 2002) esse programa tem como objetivo aumentar o nível de conhecimento da população sobre os benefícios da atividade física e aumentar o nível de atividade física. O programa tem a população da terceira idade como seu foco principal, a qual é estimulada a realizar atividade física de intensidade moderada durante 30 minutos diários, durante a maior parte dos dias da semana.

Outro programa de relevância, esse no âmbito regional, é o Programa Pró-Maior (UNISINOS - São Leopoldo). Esse programa tem mais de 15 anos de existência e atende pessoas acima de 55 anos de idade com o objetivo de “contribuir para que idosos possam enfrentar as transformações biológicas, psicológicas, sociais e espirituais do processo de envelhecimento, assegurando a manutenção ou alcance do envelhecimento ativo, saudável e autônomo”¹⁸.

Ainda no Rio Grande do Sul podemos citar um programa do NIEATI da Universidade Federal de Santa Maria, que existe desde 1982. De acordo com o informado no site do programa, o objetivo deste é:

melhorar a autonomia dos movimentos físicos e intelectuais dos velhos, mantendo a dependência cada vez mais distante, deve ser objetivo maior de nosso trabalho, só assim conseguiremos, realmente, manter por mais tempo a maior de todas as liberdades do homem, qual seja, a saúde.

Esses são alguns exemplos de programas/projetos que além de oportunizar a prática de atividade física também desenvolvem pesquisas científicas que apontam relações positivas entre atividade física e saúde. Para Deponti e Acosta (2010), existem muitas pesquisas em relação ao processo de envelhecimento que abordam desde suas causas até formas de minimizar os efeitos degenerativos, na tentativa de oportunizar ao idoso um envelhecimento saudável e de qualidade. Segundo Gardner (2006), em seu trabalho *Envelhecimento saudável: uma revisão das pesquisas de língua inglesa*¹⁹, o envelhecimento saudável está sustentado no pressuposto de que

os processos de envelhecimento são, até certo ponto, modificáveis, o que leva os pesquisadores da área a adotarem uma abordagem multidimensional e micro (individual) para compreenderem a relação

¹⁸Informação disponibilizada no site do projeto. Disponível em: <http://www.unisinus.br/extensao/acao-social/pro-maior/>

¹⁹Referência utilizada também no trabalho de Deponti e Acosta, já citado.

entre envelhecimento e saúde em seus aspectos biológicos, físicos e sociais (p.70).

Questões relacionadas ao tema saúde também são vistas cotidianamente nas pesquisas realizadas pelo projeto. Sendo o CELARI um projeto de intervenção e pesquisa, realizam-se algumas pesquisas com os participantes do projeto no decorrer do ano. Algumas vezes são pesquisas que tem como foco avaliar ou comparar fatores como: nível de qualidade de vida dos participantes, capacidades físicas, flexibilidade, equilíbrio, capacidade funcional, entre outros.

Estas pesquisas são na maior parte das vezes de cunho quantitativo, nas quais questionários e/ou protocolos de testes físicos são aplicados aos idosos. Os resultados dos testes são classificados de acordo com tabelas normativas apresentadas pelos protocolos. Durante meu trabalho de campo participei algumas vezes desse processo, desde a aplicação dos testes até a escrita de trabalhos para apresentação em congressos. Os resultados dessas pesquisas são importantes para o planejamento e desenvolvimento das atividades do projeto. Eles interferem na manutenção e no conteúdo das oficinas.

É interessante analisar qual o significado dos testes para os idosos, que o realizam de forma voluntária. Para alguns os resultados não são muito importantes, mas participam dos testes “para ajudar o trabalho dessa gurizada”, como comentou uma das senhoras participantes. “Às vezes eu nem vejo o número que deu ali, nem olho ali no papel, vim hoje porque as professoras pediram”, comentou outra senhora participante.

Mas para outros, os testes possuem um significado diferente.

Hoje foi o dia de realização de testes de fim de ano no CELARI. Além de auxiliar no teste da caminhada acompanhei a Andrea enquanto ela fazia a classificação dos resultados de acordo com o protocolo. Após o término da bateria de testes alguns idosos se voltavam a nós e pediam para que fosse explicado se ocorreu alguma mudança nos resultados em relação aos testes que realizaram no início desse ano. Eles sentavam ao lado da Andréa e ouviam calmamente ele mostrar aqueles números todos e explicar em quais testes eles tinham melhorado seu desempenho, em qual tinha mantido e em qual eles tiveram um declínio. Alguns estavam impressionados com a melhora ou a manutenção do resultado obtido. Outros as vezes se espantavam com o resultado inferior e logo perguntavam o que poderiam fazer para melhorar. Andréa explicava que oficinas eles poderiam fazer, de acordo com o que eles gostariam de melhorar (Diário de Campo, 28 de novembro de 2011).

É interessante analisar esse envolvimento de alguns idosos que vai além da participação voluntária na realização dos testes. Alguns se mostraram interessados em ver e entender os resultados e quando insatisfeitos, quiseram saber como podiam melhorar aquelas capacidades físicas. Pelo que pude observar essa preocupação muitas vezes está ligada a preocupação com a manutenção da saúde, como comentou uma das participantes:

Me preocupo muito com a minha saúde, com meu coração e minhas costas. Eu já tomo muitos remédios para controlar essas coisas que velhos tem, essas doenças. Se eu vou bem nesses testes quer dizer que não preciso tomar mais remédios, além dos que já tomo. Assim vou levando (Diário de Campo, 28 de novembro de 2011).

Essa dinâmica de pesquisa e intervenção não é característica apenas no CELARI. Muitos projetos destinados ao público idoso desenvolvem suas atividades dessa forma. Eles se sustentam na perspectiva biológica de saúde, de garantir a autonomia do idoso, de tentar reduzir e/ou amenizar os efeitos degenerativos do envelhecimento, resultando também na manutenção da qualidade de vida destes. Esse leque de objetivos é desenvolvido a partir de aulas para fortalecimento muscular, manutenção do equilíbrio, entre outras. Bagrichevsky e colaboradores (2006) compreendem que por um lado aceita-se parcialmente a generalização de que existem benefícios orgânicos como resultado da prática de algumas modalidades de exercício. Mas por outro, esse argumento é questionável quando o propósito é de sustentar “uma dimensão moral que responsabiliza cada pessoa por seu próprio adoecimento e desconsidera a dinâmica sistêmica e multifária que influencia os estados de enfermidade humana” (BAGRICHEVSKY et al, 2006, p. 26).

Para Palma e colaboradores (2003), os problemas da compreensão de saúde puramente na linha biológica são:

a) o foco centra-se na doença; b) a culpabilização do individuo frente a sua própria doença; c) a crença na possibilidade de resolução do problema encerrando-se uma suposta causa, a qual recai no processo de medicalização; d) a naturalização da doença; e) o ceticismo em relação à contribuição de diferentes saberes para auxiliar na compreensão dos fenômenos relacionados à saúde (PALMA et AL, 2003, p. 20)

Até então podemos verificar que tanto na proposta de trabalho do CELARI, quanto nas falas cotidianas dos participantes, a concepção de saúde apresentada

está atrelada a visão biológica do corpo e a compreensão de saúde em relação à perspectiva de saúde-doença. No CELARI, pode-se pensar em saúde a partir de outras concepções? Faz sentido discutir no CELARI outras possíveis concepções?

6.2 SENTIR-SE BEM, BOA FORMA E FELICIDADE: OUTROS OLHARES SOBRE SAÚDE E CORPO

Tarde de quarta feira no CELARI não podia ser diferente: muitos idosos circulando pela sala de convivência. Alguns chegando para as oficinas, outros saindo, alguns tomando um café... Mas Elba não estava entre essas possibilidades de circulação. Chegou e logo entrou na sala da coordenação, estava com uma máscara hospitalar cobrindo a região da boca. Conversou com a Eliane, que estava em sua mesa, e explicou que estava fazendo um tratamento dentário e durante este período não poderia participar das aulas, teria de se ausentar. Na saída conversei com Rita que me disse que assim que pudesse voltaria para as atividades. Perguntei se o tratamento teria alguma relação com o cigarro (Elba é fumante há muitos anos). Ela sorriu e disse: “vou te dizer uma coisa guria, nem beijar na boca eu beijo mais! O cigarro e o CELARI são as minhas únicas diversões” (Diário de Campo, 13 de abril de 2011).

Ainda que o cigarro possa ser objeto de discussão no campo da saúde como algo nocivo, a intenção aqui não é destacar a dimensão pejorativa do ato de fumar, apesar dela fazer sentido no campo biológico. A intenção é de destacar a dimensão simbólica, a dimensão da *diversão* trazida pela participante no excerto. Já que estamos discutindo saúde, qual a relação de diversão com a saúde? Antes de responder essa questão, apresento outra passagem de diário de campo.

Conversas e gargalhadas eram o que se ouvia quando passei pela porta de entrada do Centro Natatório. Assim que entrei no corredor de acesso ao CELARI pude ver a feira de páscoa organizada no corredor pelas idosas. Mesas de metal cobertas com toalhas eram utilizadas para expor produtos que estavam à venda: chocolates, biscoitos, pães, vidros de doces, panos de prato, colares, pulseiras, roupas... isso e muito mais era o que se podia comprar na feira de páscoa do CELARI. Encontrei a origem das gargalhadas, Leila em sua *bancada de vendas*, conversando com mais duas participantes. Juntei-me a elas enquanto olhava a feira e compartilhei de suas gargalhadas (causadas pelas piadas que Leila contava). Logo ao nosso lado outras duas participantes estavam conversando enquanto organizavam seus produtos da feira. Discretamente, em voz baixa, elas contavam sobre o fim de semana uma para outra, sobre passeios e família. Não participei da conversa delas, mas como estava bem próxima, pude perceber a aproximação de Silvana e pude ouvir seu comentário: “uma das melhores coisas do CELARI é

que aqui todo mundo pode ser feliz a sua maneira” (Diário de Campo, 11 de abril de 2011).

A partir dos excertos do diário de campo, que relações podemos estabelecer entre *diversão, felicidade e saúde*?

A Organização Mundial de Saúde (OMS) aponta que: “saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade” (Lewis, 1986, p.1100). Já se pode perceber que essa definição esbarra em alguns pontos. Um desses pontos diz respeito ao “completo bem estar” o que representaria ausência de problemas, quase uma utopia para a condição humana, como destaca Nogueira e Palma (2003).

Bagrichevsky e colaboradores (2006) apontam que saúde pode ser compreendida para além do contexto biológico. Para os autores, saúde diz respeito de forma mais ampla a um conjunto de elementos associados ao suprimento das necessidades humanas (BAGRICHEVSKY et al, 2006). Essa concepção entende que saúde pode ser associada para além da ausência de doenças e está fortemente vinculada a proposta apresentada no relatório da VIII Conferência Nacional da Saúde de 1986, que diz o seguinte:

Saúde é o resultado das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida (MINAYO, 1992, p.10).

Se pensarmos na saúde a partir dessa concepção, o *divertimento* e a *felicidade* podem ser contemplados dentro dessa perspectiva. No trabalho realizado por Vilarino e Lopes (2008) sobre envelhecimento e saúde com idosos usuários do Sistema Único de Saúde de Porto Alegre (RS) as autoras identificaram falas interessantes sobre saúde. Entre as falas, destaco algumas: “saúde é a principal coisa que existe no mundo, porque saúde é vida, é tudo na vida, saúde em primeiro lugar” (p. 68). Outra fala sobre saúde aponta: “é a felicidade” (p. 68). Para as autoras os idosos conseguem expressar um estreito laço entre saúde e suas próprias vidas, elas constroem no decorrer de suas vidas concepções sobre saúde que não são restritas ao olhar biológico, elas são dinâmicas e ampliadas.

Nas discussões que circundam o conceito de saúde, o *corpo* está relacionado às concepções biológicas. Blessmann (2003) aponta que, assim como a velhice, *corpo* é um termo de difícil definição. Comenta a autora: “entretanto, uma coisa pode ser apreendida através de qualquer explicação que seja tentada para ambos, é a visão *biologizada* que se impõe para sua compreensão” (p. 04). No entanto, no CELARI, outras articulações são possíveis de serem feitas entre corpo e saúde, articulações que vão além da dimensão utilitarista da saúde.

Enquanto organizava os materiais para iniciar uma aula de ginástica localizada, Elis (69 anos) aproximou-se e perguntou quais exercícios ela poderia fazer em casa para trabalhar a região do glúteo e das pernas, para desenvolver os músculos dessa região. Assim como Goldenberg²⁰ (2006), que foi surpreendida por *corpo* ser uma categoria extremamente presente no discurso dos seus pesquisados, também me surpreendeu essa outra possibilidade de relação entre idosos e seus corpos: a relação da estética e da boa forma.

Para Alves (2006), na sociedade contemporânea o cuidado com o corpo e com sua exibição tem adquirido uma importância cada vez maior. Diversas podem ser as práticas, “mas o interesse em transformar o corpo natural em corpo distintivo (BOURDIEU, 1984) está disseminado, principalmente entre os membros das camadas médias urbanas” (ALVES, 2006, p. 73).

Em pesquisas realizadas na cidade do Rio de Janeiro, Mirian Goldenberg aponta que, no Brasil, o corpo é uma importante forma de capital²¹, mais desejado pela classe média urbana, que percebem o corpo como um dos meios para ascensão social. Mas não é qualquer corpo. Ele deve seguir um padrão pré-determinado social e culturalmente, o corpo deve estar em boa forma e deve ser jovem. Goldenberg, afirma ainda que, esse corpo é obtido por meio de um grande investimento de trabalho, de sacrifícios e de investimento monetário (2006; 2011).

As questões relacionadas ao *corpo* no Brasil despertam interesse não só dos pesquisadores locais. É o caso do antropólogo francês Malysse. Em texto publicado no livro *Nu & Vestido* (2002)²², Malysse ao comparar os corpos das francesas aos das brasileiras aponta que, a centralidade da produção da aparência pessoal, para as francesas está na roupa que vestem. Já para as brasileiras essa centralidade

²⁰Mirian Goldenberg é antropóloga e realiza pesquisas, desde 1988, sobre gênero, arranjos conjugais, envelhecimento e corpo.

²¹Pierre Bourdieu (1987).

²²Organizado por Mirian Goldenberg.

está diretamente relacionada ao corpo. As francesas procuram utilizar roupas que estruturam e dão forma a seus corpos enquanto as brasileiras optam por expor muito mais o corpo.

Mauss (1974) afirmou que a construção do corpo se dava a partir da perspectiva cultural, na qual uma sociedade valoriza algumas características e lança mão de outras, o que resultaria em um corpo típico para cada sociedade. Esse corpo varia de acordo com o contexto histórico e cultural, sendo adquirido através do que ele chamou de *imitação prestigiosa*. Para Mauss “é precisamente nessa noção de prestígio da pessoa que faz o ato ordenado, autorizado, provado, em relação ao indivíduo imitador, que se verifica todo o elemento social” (1974, p. 405).

Para Goellner (2010, p. 73-74) “nosso corpo revela o tempo no qual foi educado e produzido, razão pela qual, ao mesmo tempo em que somos diferentes, somos também muito parecidos”. De acordo com a autora, a partir de um processo contínuo o corpo é educado e de acordo com formas de “ser, parecer e de se comportar”.

Retornando ao caso de Elis, ela explica na seqüência de sua fala que, por problemas de saúde ela emagreceu 8 kg no último ano e agora que estava muito magra precisava “ganhar músculos nessas regiões (glúteo e pernas) para ficar mais bonita, inclusive para meu marido...” (Diário de campo, 13 de abril de 2011). Se Goldenberg (2011) nos faz pensar que o *corpo*, no Brasil, é mais importante que a roupa que usamos também nos faz pensar em como os idosos interagem a partir dessa perspectiva.

O excerto do diário de campo auxilia na reflexão sobre a preocupação com a manutenção do corpo, mesmo na fase da velhice, e para além da preocupação com aspectos biológicos. Essa preocupação se apresenta cada vez mais na sociedade contemporânea. A preocupação de Elis em *ganhar músculos e ficar mais bonita* é um reflexo da construção social e cultural do corpo. Mesmo longe da temperatura tropical que atinge o Rio de Janeiro, a cidade de Porto Alegre, onde os corpos ficam cobertos por causa do frio por mais tempo em relação a outras regiões, apresenta um número considerável de adolescentes com transtornos alimentares. Goldenberg (2006) aponta que é uma das causas é a “mania de emagrecer”.

Apesar de Elis não fazer parte do grupo de adolescentes, a preocupação de manter seu corpo atraente, pode ser considerado resultado da influência do padrão de corpo estabelecido pela sociedade, pois o idoso também é atravessado por essas

questões, ele também está inserido no contexto social. Já não se pode pensar como outrora, antes dos estudos gerontológicos, na velhice a partir de apenas uma referencia a da decrepitude do individuo.

A preocupação com o corpo no CELARI não se materializa apenas pela fala de Elis. O corpo é assunto constante nas conversas do projeto, como apresenta o excerto abaixo:

Mais uma segunda feira no CELARI, e agora o frio do outono começa a aparecer mais fortemente, apesar do sol, mas isso não impediu que eu encontrasse a piscina da hidroginástica cheia de participantes um pouco depois das 08hs e 30 min. Como de costume sentei a beira da piscina, junto à borda lateral e fiquei observando a aula enquanto conversava, nos intervalos entre os exercícios, com algumas senhoras. No meio da conversa sobre o frio que estava fazendo naqueles dias, Rita falou: “mesmo com o frio eu não estou faltando a nenhuma aula, imagina só, logo chega o verão e eu preciso estar em forma” (Diário de Campo, 30 de maio de 2011).

Rita está no projeto ha vários anos, e assim como Elis é casada. Ambas participam das oficinas de hidroginástica e ginástica localizada, mas Rita deve ser quase 10 anos mais velha que Elis. Após a aula citada no excerto acima, conversei com Rita durante o cafezinho antes da próxima oficina, e ela complementa a sua fala sobre a *estar em forma*. Diz ela: “não é que eu queira ficar com corpinho de guria, porque eu já sou uma velha, mas tenho que pelo menos vir nas minhas aulas para perder alguns quilos, não posso me acomodar com o peso”. Nessa direção, em sua tese, Pilotto (2010) aponta que assim como classe social, gênero, raça e idade, o corpo passa a ser um distintivo na nossa cultura, como um *marcador social*.

Ainda em relação à fala de Rita, Alves (2006), aponta que ainda que os idosos não freqüentem as mesmas aulas de ginástica em relação aos mais jovens, eles podem ser encontrados em alguns casos em aulas de musculação, por exemplo, demonstrando a mesma disposição dos mais jovens. E afirma “entre as mulheres mais velhas, a exigência recai sobre a aparência. Disfarçar a idade é sinônimo de cuidado com a beleza” (p. 74).

A partir dos relatos de Elis e Rita, pode-se fazer uma reflexão sobre essa outra concepção de *corpo*. Assim como a saúde, o corpo no CELARI pode ser compreendido para além da perspectiva biológica. Ele está relacionado à boa forma e à estética.

Se a preocupação com *corpo* existe no CELARI, ela ultrapassa as barreiras biológicas. Essa preocupação também pode ser refletida na utilização da maquiagem em seus rostos para disfarçar sinais da idade, nos acessórios que as idosas utilizam, assim como na escolha das roupas e nos sapatos utilizados. No trabalho realizado por Motta (1998), intitulado “Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice”, a autora comenta que as idosas pesquisadas mesmo na velhice não deixaram de lado marcadores de sua identidade feminina, como comenta:

Vaidade, conduta jovial, preocupação com a beleza, o uso de roupas mais coloridas, acessórios femininos, maquiagens e tinturas de cabelo fazem parte de sua bagagem como da de qualquer mulher de seu ethos, independente da idade (Motta, 1998, p. 66).

Assim como as idosas de Motta, as idosas do CELARI demonstram preocupação freqüente com a aparência, seja em frente aos espelhos dos vestiários, das salas de aula ou da sala de convivência, era muito provável de se encontrar alguma delas retocando a maquiagem ou arrumando os cabelos.

Durante a primeira aula de alongamento da tarde fiquei apenas observando enquanto as bolsistas orientavam a atividade. Observando as senhoras chamou-me atenção a maquiagem que usavam. As mais jovens, que eram a minoria, utilizavam batons de cores fortes, bem marcantes: vermelhos e alaranjados. Já as mais velhas optavam por usar cores mais neutras como cor de rosa claro, “cor de boca” ou tons levemente amarronzados, bem mais discretos que as mais jovens usavam. Aparentemente nenhuma das alunas estava com sombra nos olhos, mas todos os olhos tinham seus contornos muito bem delineados, além de ter os cílios bem destacados. Independente da idade delas, visivelmente todas estavam maquiadas. (Diário de Campo, 20 de abril de 2011).

Além desses cuidados, despertou-me a atenção outra situação que acompanhei algumas vezes antes do início das oficinas: a troca de sapatos. Ver idosas utilizando tênis ou sapatilhas enquanto transitavam pelos corredores ou pela sala de convivência, nada tinha de incomum. Incomum foi quando percebi que os tênis e sapatilhas dividiam espaço com botas, sapatos e sandálias. As botas, por exemplo, poderiam ser utilizadas para proteção contra o frio e a chuva, mas elas estavam presentes em outros momentos, em outras condições. “Eu faço assim: trago na bolsa o meu tênis e venho de botas” (Diário de campo, 27 de setembro), foi assim que descreveu uma das participantes da aula de ginástica localizada. E continuou “eu gosto muito de usar botas, mesmo sem salto, deixa a mulher muito

elegante!”. Percebe-se pela fala da participante que mesmo o tênis sendo o mais adequado para realizar a aula, a preocupação com a aparência, faz com que ela saia de casa utilizando o que acredita ser mais *elegante*.

Não é possível generalizar essa atitude, ela não é compartilhada por todas as senhoras, muitas preferem já sair de casa calçando o tênis ou as sapatilhas que são mais adequadas para a realização dos exercícios propostos nas oficinas. Mas mesmo usando roupas de ginástica, talvez não consideradas tão *elegantes*, é possível ver a preocupação com as combinações entre as peças do vestuário e acessórios.

Acredito que seja possível aproximar a preocupação que essas idosas do CELARI demonstram com o seu corpo com o que Alves (2004) aponta como *novo conceito de velhice*. Para a autora, o corpo dessas mulheres “transforma-se em mais um meio de demonstrar a capacidade individual de escolha; a escolha em pertencer a um código de beleza e saúde socialmente compartilhado” (p. 138).

Para Martins e Altmann (2007), os corpos que se configuraram nas décadas de 1960 e 1970 não são os mesmos de hoje. Para os autores, atualmente são criadas muitas possibilidades para nos *construir*, seja através de atividades físicas, passando pela cirurgia plástica até a engenharia genética. E complementam, “o corpo é um processo, resultado das convergências entre cultura, técnica e sociedade” (p. 26).

Simone de Beauvoir escreveu:

Já que o destino da mulher é ser, aos olhos do homem, um objeto erótico, ao tornar-se velha e feia, ela perde o lugar que lhe é destinado na sociedade: torna-se um monstro que suscita repulsa e até medo (BEAUVOIR, 1970).

Nessa direção, Gonçalves (1999) aponta em sua tese, que a velhice é:

associada quase sempre aos cabelos brancos, às rugas, ao andar lento, à postura encurvada, à redução da capacidade auditiva e visual, e mesmo à diminuição da capacidade intelectual. O processo de envelhecer relaciona-se com a ausência de beleza, ou, em termos mais populares, à feiúra. O indivíduo enquanto jovem pode ser belo, porém quando velho, é associado automaticamente ao ser feio (p.18).

Essa citação se aproxima da fala que nomeia esse capítulo: “não precisa estar escrito para saber que sou velha” (Diário de Campo, 27 de setembro).

Contextualizando, ela surge em um momento onde os bolsistas sugerem uma nova estampa para a camiseta do projeto. Durante uma conversa informal na sala de convivência é apresentada uma sugestão onde está desenhado na camiseta um casal de velhos caminhando/correndo. Esse casal segue o estereótipo amplamente difundido do velho: utilizam óculos de grau, seus corpos são enrugados e os cabelos brancos. Como se já não representasse um conceito de velhice, a proposta da camiseta ainda trazia a frase: “Nossos velhos”. Ao ver essa proposta de camiseta, Adriana enfatiza sua insatisfação com a fala de abertura do capítulo.

Olhando para o cotidiano do CELARI e para essa fala, um debate se faz presente a partir do meu ponto de vista: *não precisa estar escrito para saber que sou velha, mas apesar de ser velha eu quero continuar bonita, em boa forma e elegante*. É nesse contexto que vejo as relações entre essas questões no CELARI. A partir disso, se pode considerar que o interesse evidenciado pelos idosos do CELARI ao importarem-se e preocuparem-se com questões relacionadas ao *corpo*, a *boa forma*, remete-se diretamente ao fato de que os interesses forjados pelas pessoas, incluindo os idosos, são também estabelecidos social e culturalmente.

Embora as categorias saúde e corpo sejam amplamente discutidas pela literatura, observei que no CELARI elas se apresentavam para além da perspectiva utilitarista. Sendo o CELARI um projeto destinado também à saúde, sendo contemplada através de suas práticas corporais, seus participantes (re)significam essas práticas. *Perder peso, diminuir cintura, fortalecer músculos, elegância* são expressões comumente ouvidas nas conversas diárias acerca do corpo no CELARI. Essa concepção de corpo no processo de envelhecimento, que ultrapassa a biológica, é uma temática pouco discutida no campo dos trabalhos acerca projetos de atividades físicas e de lazer para idosos. Para alguns participantes a busca por um corpo bonito, um corpo em boa forma faz parte dos seus objetivos durante a velhice e esse objetivo é buscado dentro do CELARI.

Assim como vivenciar a velhice no CELARI significa estar num espaço de lazer atravessado pela *saúde* e por *corpo* em seus significados mais amplos, a *felicidade*, o *divertimento*, e *sentir-se bem*, também apresentam estreita relação com outra categoria importante de discussão: a sociabilidade. No próximo capítulo discutirei a sociabilidade em um espaço de lazer como fator motivador e agregador durante a fase da velhice, categoria que é largamente difundida em trabalhos acadêmicos e também tem sua relevância nesse trabalho.

7. CELARI: ESPAÇO DE LAZER E SOCIABILIDADE

A proposta desse capítulo é de responder por que as pessoas estão no CELARI e como se estabelecem as relações nesse espaço. A literatura e minha experiência profissional já me alertavam sobre as relações existentes entre sociabilidade e envelhecimento em espaços destinados aos idosos. As formas recentes de gestão da velhice são marcadores importantes do novo olhar sobre os idosos que se delineou a partir das últimas décadas do século passado. Entre essas formas está a abertura de espaços para que novas experiências no envelhecimento pudessem ser vividas coletivamente.

As questões referentes à família e à sociabilidade do idoso começaram nos anos de 1970 a fazer parte dos estudos sobre a velhice no Brasil (RODRIGUES, 2001, ALVES, 2004). Desde a década de 1990, alguns trabalhos acadêmicos no Brasil se propuseram a investigar as mudanças ocorridas nas relações sociais de idosos que participavam de programas que envolviam atividade física. Algumas pesquisas já indicavam que os idosos apresentavam mudanças no que dizia respeito ao desenvolvimento da sua auto-estima, o que auxiliaria no desenvolvimento de novas habilidades e beneficiaria a interação social dos indivíduos (NUNES e PEIXOTO, 1994; FRUTUOSO, 1996). Araújo e Carvalho (2004) apontaram a importância dos vínculos de amizade constituídos no âmbito dos programas que atendem grupos de idosos. Esses programas gerariam mudanças nas relações interpessoais dos participantes, oportunizando a construção de novas amizades. No CELARI a importância dessas relações ficou evidente desde muito cedo.

No decorrer de meu trabalho de campo, apesar de ter me causado estranhamento nas primeiras semanas, não era incomum encontrar participantes que não estavam em horário de oficinas, na sala de convivência, como foi o caso Nara.

Durante algumas semanas não encontrei Nara no CELARI. Não tinha certeza se ela havia mudado de horário ou se estava viajando, até que em uma manhã a encontrei no projeto. Estava na sala de convivência conversando com outra participante que lhe perguntava o que fazia naquela hora no projeto já que não participava de nenhuma oficina naquele turno. Nara respondeu: “fiquei algumas semanas afastada por que estava doente e já não lembrava mais o horário da minha

oficina. Mesmo assim eu vim, só vindo aqui já me sinto bem. Eu moro sozinha e aqui sempre tem gente” (Diário de Campo, 16 de novembro de 2011).

Assim como Nara, muitas outras participantes do CELARI são viúvas. Após a viuvez algumas foram morar com os filhos ou com outro parente, mas outras, como Nara, permaneceram morando sozinha. A resposta dessa participante para a outra senhora abre espaço para, primeiramente, duas discussões que fazem parte da sua vida e que permeiam o processo de envelhecimento da mulher: *viuvez e ninho vazio*.

Para Britto da Motta (2005) a morte do marido é “vivenciada de forma diferenciada segundo a situação de classe e de gênero – entre outras inserções sociais – dos indivíduos” (p. 11). Para Salgado (2002), a viuvez atinge mais as mulheres porque a expectativa de vida delas é maior que a dos homens, e por tradição, as mulheres se casam com homens mais velhos do que elas. Outro fator importante apontado pela autora é a respeito de uma característica que diferenciam as viúvas dos viúvos: os viúvos casam-se depois de enviudar mais do que as viúvas.

A fase em que os filhos deixam a casa dos pais, conhecida como a fase do *ninho vazio* (SARTORI, ZILBERMAN, 2009) é uma fase de sentimentos adversos para as mulheres. Se de um lado a depressão e o sentimento de perda acompanham sua rotina, por outro lado o sentimento de dever cumprido pode ser acalentador. Independente disso, é um período significativo de mudanças para mulher, quando a tarefa de ser mãe, na qual dedicou longo anos de sua vida, desaparece.

Outra discussão que está pautada através do comentário de Beth é a questão das relações sociais. O CELARI se constitui em um espaço de lazer atravessado pelas relações de sociabilidade. Sociabilidade é um conceito cunhado pelo sociólogo alemão George Simmel e representa a forma lúdica da interação social (SIMMEL, 1983). Para o autor, essa interação depende apenas dos indivíduos entre as quais ocorre, sejam através de diálogos, jogos, brincadeiras, sem qualquer outro propósito ou interesse além da própria interação. Para Frúgoli Junior o conceito de sociabilidade foi resignificado pela Escola de Chicago e, segundo Mário Eufrásio, esse conceito adquiriu outra abordagem "entendida como uma consideração dos modos, padrões e formas de relacionamento social concreto em contextos ou círculos de interação e convívio social" (FRÚGOLI JUNIOR, 2007, p. 17).

Para Elias e Dunning (1992) a sociabilidade é um elemento do lazer recorrente na maioria das atividades de lazer. Para esses autores, em todas as

atividades desenvolvidas pelos indivíduos, está presente um quadro de referência que por vezes é estabelecido a partir dos outros indivíduos. Isso quer dizer que, na maior parte do tempo as ações e/ou decisões são realizadas/tomadas levando em consideração os outros indivíduos. Já nas atividades de lazer esse quadro de referência somos nós mesmos, o próprio indivíduo, e essas atividades são escolhidas por nós, levando em consideração o prazer gerado por elas, dentro dos “limites socialmente estabelecidos” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 140).

No CELARI esses conceitos se aproximam (lazer e sociabilidade) e se materializam através do “sentir-se bem” de Beth, do sentimento de satisfação que ela demonstra apenas por estar entre seus pares – “aqui sempre tem gente” – ou como citam Elias e Dunning (p. 179, 1992) por “estar na companhia sem qualquer obrigação ou dever para com eles, para além, daqueles que se tem voluntariamente”.

A sala de convivência em muitos momentos reflete a presença dos participantes mesmo fora do horário de suas oficinas. Durante minha pesquisa eu frequentemente encontrava participantes que almoçavam, tomavam café ou apenas conversavam com algum bolsista ou outro participante, nesse local.

Hoje cheguei ao projeto antes das 09 horas e encontrei uma das participantes sozinha sentada no sofá da sala de convivência, enquanto esperava o café, que a mesma providenciou. Surpreendi-me com a presença dela, pois, naquele dia, como de hábito para as quartas-feiras, as atividades iniciavam apenas às 10hs. Aproximei-me para conversar e ela comenta que precisou sair cedo de casa naquela manhã para resolver algumas coisas na rua e assim que pode foi para o projeto. Mesmo sem atividade marcada, preferia aguardar já no CELARI. Enquanto conversamos outra participante também chega cedo e se envolve em nossa conversa, enquanto sirvo o café que já estava pronto. O assunto é o mesmo: o que fazem ali tão cedo. Essa última comenta que: “quando estou na rua, mesmo que não seja horário da minha atividade, venho direto pro CELARI, aqui sempre tem alguém com quem conversar” (Diário de Campo, 25 de maio de 2011).

Durante o período da minha pesquisa, cenas e diálogos semelhantes e repetiram por inúmeras vezes. Para alguns, o CELARI é local de encontro com pessoas que já faziam parte do círculo social e local para conhecer novas pessoas, fazer novas amizades, como é o caso de Beth.

Beth tem 62 anos de idade, é casada, mora somente com seu marido e participa do CELARI há pelo menos 5 anos. Entrou para o projeto, pois uma de suas amigas já o freqüentava desde os primeiros meses. Beth comenta que sempre que há a encontrava lhe convidava ir ao projeto para conhecer as atividades e o pessoal e um dia ela aceitou o convite. Então combinaram um dia e horário e foram ao projeto. Naquele mesmo dia Beth se inscreveu e naquela semana já começou a participar das atividades (Diário de Campo, 13 de abril). Começou participando da oficina de alongamento e no decorrer dos anos foi se integrando e experimentado outros espaços. Participou do grupo de dança, da oficina de ginástica localizada, do equilíbrio, da hidroginástica e do grupo de percussão.

Apesar de morar em outra cidade, encontrava Beth na grande parte dos dias que freqüentei o CELARI. Às vezes o marido de Beth a leva para as atividades, mas na maioria dos dias ela precisa se deslocar de ônibus até as proximidades do projeto e, após o desembarque, ainda caminha por cerca de 20 minutos até chegar ao CELARI. Enquanto não está em uma das oficinas, Beth pode ser encontrada na sala de convivência, sempre acompanhada e conversando com outro participante ou monitor.

Nesses momentos também são marcados encontros que ultrapassam as dependências da escola e os horários do CELARI. Presenciei Beth combinando com outras participantes de se encontrarem, elas e seus familiares, durante o fim de semana para um almoço ou um jantar. Também a observei algumas vezes saindo com outros participantes, em dias de atividade, para almoçar fora do campus da escola e para ir ao shopping (que fica nas proximidades). Geralmente esses encontros são com outros participantes que fazem parte do grupo de percussão.

Além de ser assídua nas oficinas Beth não perde uma atividade social, seja um almoço, uma festa no período da tarde ou uma janta acompanhada de baile no CHIP's. Sem contar sua participação nos passeios que o CELARI organiza. Um exemplo de passeio é o encontro na cidade de Tramandaí, litoral do estado, conhecido como Jogos dos Idosos. Esse encontro é realizado anualmente e recebe grupos de idosos de diversas partes do estado onde, durante três dias, participam de jogos de integração como câmbio, basquete relógio com deslocamento e

handebol por zona²³ Também compõe a grade de atividades do evento atividades aquáticas, jogos de mesa, aulas de yoga, ginástica e bailes. Os bailes são os momentos preferidos dos participantes do CELARI, são motivos de conversas e, inclusive, de avaliações:

Durante o horário de almoço continuei no projeto conversando com Adriana e Beth. Durante a conversa Beth perguntou sobre os jogos de Tramandaí daquele ano. Queira saber se já tinha data definida. Beth conta que ouviu falar que será no início do mês de novembro, como de costume. Pergunto se elas participam todos os anos e Beth responde que sim, mas que elas não vão lá pra jogar, mas sim para ir aos bailes e para encontrar os amigos de outros projetos. Nesse momento as duas começam a falar de como está *caindo a qualidade* dos conjuntos que tocam nos bailes. Segundo Beth: “agora tocam músicas do Padre Marcelo e de bandinhas alemãs, isso é coisa para os idosos do interior, não para nós. Nós que vamos ao CHIP’s não dançamos essas músicas, mas vamos para aproveitar e para reencontrar os amigos que só vemos lá mesmo” (Diário de campo, 25 de julho).

Os jogos dos idosos são aguardados durante o ano todo. De acordo com Beth não são muitos participantes do CELARI que costumam ir, pois demanda passar de duas a três noites longe de casa e nem todos se dispõem. Ela comenta: “eu vou pra ir pros bailes, pras oficinas de dança e de ginástica chinesa. Depois do baile nós ainda esticamos um pouco, vamos dormir já amanhecendo. Daí no outro dia a gente não vai em nenhuma oficina da manhã. E não vamos pra jogar, só pra torcer pelos amigos e pros bailes”.

Além de participar ativamente das atividades do projeto, Beth também auxilia na organização das atividades sociais do CELARI. Em todos os almoços que participei, juntamente com outras participantes, Beth geralmente estava na cozinha preparando as saladas, ou distribuindo as bebidas. Esse espaço da cozinha é sempre organizado pelas mesmas mulheres e enquanto se distribuem pelas tarefas, elas conversam sobre suas atividades diárias, sobre as pessoas que estão chegando, cantam com as músicas que tocam no rádio, a cozinha é um espaço de muita interação entre elas.

²³Câmbio, basquete relógio e handebol por zona são esportes adaptados a partir do vôlei, basquete e handebol.

Como se pode perceber o CELARI, para Beth, é um espaço onde ela pode encontrar amigos que já faziam parte de sua rede de relacionamentos, mas também é onde ela pode constituir novos laços de amizade. Mas o CELARI não é um espaço de estabelecimento de novas amizades apenas para Beth.

Ao final da manhã, após a aula de ginástica localizada e hidroginástica, acompanho Rita até o portão da ESEF. Ela fala de como gosta de participar do projeto e complementa dizendo que “isso que a gente faz aqui é muito bom, trabalha a cabeça e o corpo. A gente vem pras atividades e faz os grupos e daí a gente já combina de sair, de tomar chá” (Diário de Campo, 30 de maio de 2011).

No estudo realizado por Rodrigues e Justos (2009) com mulheres participantes de um grupo de convivência, foi constatado que a sociabilidade está entre as principais mudanças no processo de envelhecimento, a partir da interação com outras pessoas e com o aumento das amizades. Ou como comenta Elis em entrevista:

O CELARI eu já conhecia há muito tempo por uma amiga minha que participava, era minha vizinha de praia. Ela sempre dizia que gostava muito do CELARI, que tinha muitos amigos e me convidava pra entrar. Depois outra amiga, a Maria, conheceu a Silvana, que já fazia parte, e entrou também. Nessa época nós fazíamos, eu e Maria, um curso de desenho, aí ela falava que estava no CELARI. Até que um dia eu resolvi ver as atividades e acabei gostando.

É importante destacar que as mulheres participantes atuais do CELARI, cresceram em um período onde as normas de comportamento sociais e os padrões de educação eram rígidos com as mulheres, reduzindo muitas vezes suas práticas ao ambiente doméstico e familiar, ou seja, a expectativa para a mulher se resumia em ser dona de casa e mãe. No estudo de Alves (2004), que acompanhou mulheres freqüentadoras de bailes cariocas, a autora comenta que nesse espaço de sociabilidade as mulheres que ela acompanhou se realizavam pessoalmente e, na maioria dos casos, construíam uma identidade de mulher para além do ambiente doméstico. Para Alves (2004, p. 112) “a manutenção de uma vida ativa na velhice significa poder viver o que lhes foi negado no passado”

Outra questão relevante que diz respeito às relações sociais no projeto são os afastamentos dos participantes. Os afastamentos ocorrem com tal freqüência que

afeta tanto a rotina administrativa do projeto, quanto afeta os outros idosos. E nem sempre os participantes avisam que vão se afastar por determinado período e, da mesma, forma não oficializam sua volta.

Identifiquei essa questão, que já era clara para a coordenação do projeto, mas não para mim, quando tentava encontrar alguma forma de mapear a circulação dos participantes pelas oficinas, como relato nessa passagem:

Pretendo começar a ver as fichas dos alunos amanhã para iniciar o mapeamento dos alunos, das atividades, para ter informações concretas. Percebo a circulação deles, mas ainda não consigo identificá-los e visualizar como se dá essa circulação (Diário de Campo, 25 de abril de 2011).

As fichas dos participantes são divididas em duas pastas, a pasta dos ativos e a dos desligados. Quando iniciei esse trabalho percebi que alguns alunos que estavam na pasta dos ativos, de fato já não participavam do projeto há algum tempo. Conversando com Andréa surgiu a ideia de mapear os participantes pelas listas de presença nas oficinas, as chamadas. Início esse trabalho, e no momento no qual peço a chamada de uma das oficinas para uma bolsista, Eliane comenta:

Esse trabalho que estas fazendo é um bom trabalho, já tentei fazer algumas vezes, mas nunca consigo terminar. Esse trabalho precisa ser atualizado constantemente porque sempre há um grande fluxo de chegadas e saídas de alunos (Diário de Campo, 25 de maio de 2011).

A partir desse trabalho e da fala da Eliane, lembrei-me de uma fala que presenciei durante a reunião mensal que ocorreu dias antes:

Rita comenta que deveria ser comunicado aos participantes quando as pessoas adoecem, passam por cirurgias, etc. Porque eles são um grupo e o grupo precisa se comunicar. Na seqüência ela relembra que há alguns anos no mural tinha uma lista com o nome e telefone de todos os participantes, e quando alguém se ausenta um colega sempre ligava pra saber o houve (Diário de Campo, 18 de maio de 2011).

Percebe-se que os afastamentos e o que eles ocasionam não afetam apenas a rotina administrativa do projeto, afetam os participantes também. Nesse momento

comecei a voltar minha escuta, também, para a questão dos afastamentos, já que percebi ser um assunto recorrente e que influenciava na vida do grupo.

Duas questões não relacionadas diretamente ao projeto fazem com que ocorra o afastamento de participantes durante o ano: viagens e problemas de saúde. As viagens em geral são para visitar algum familiar, na maioria das vezes um parente próximo que mora em outra região do estado ou do país (e nesse caso são viagens que envolvem um participante individualmente ou um casal) ou são viagens de turismo (que podem ser individuais ou pode envolver um grupo de participantes). Os problemas de saúde podem estar relacionados com a saúde de algum familiar que precise de cuidados, o marido, uma irmã, ou por alguma doença deles próprios. O excerto utilizado na abertura do capítulo, o caso de Nara, além de concretizar a situação dos afastamentos por doença sem comunicação ao projeto, retoma o lugar do projeto dentro da temática da sociabilidade entre os participantes.

Como anunciado, o outro fator responsável pelo afastamento dos participantes são as viagens. Em uma das manhãs de inverno eu estava na sala principal em frente ao espelho prendendo o cabelo, quando vi um novo cartaz no mural acima da cafeteira. Era sobre o congresso de Manaus²⁴. O cartaz anunciava o preço da viagem, cerca de 900 reais, o valor das estadias e a divisão de quem ficará em cada quarto (duplos e triplos). Ainda havia a lista de nomes dos confirmados, em torno de 15 pessoas; o cartaz também comunicava uma reunião de organização da viagem com os participantes.

Assim que li o cartaz procurei a Eliane para saber mais sobre a viagem. Ela comentou que alguns participantes, que possuíam condições de saúde e financeiras, participariam do congresso e estavam contratando um pacote de passeios por Manaus. Outros ainda aproveitariam para viajar pela América Central. Nesse caso essa viagem tinha o caráter de participação do congresso e de turismo. Infelizmente não pude comparecer ao projeto no dia em que a reunião foi marcada, mas me informaram que a reunião ocorreu com quase todos os participantes. Decidiram os roteiros da viagem, pagamentos e falaram dos acompanhantes (alguns participantes levariam familiares não ligados ao projeto). Na data marcada os participantes se

²⁴O congresso referido era o XII Fórum de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade e o XI Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior a ser realizado na Cidade de Manaus, no período de 29-31.10 e 1º. 11 de 2011

afastaram do CELARI por cerca de duas semanas, nesse caso todos comunicaram o afastamento.

No caso específico dos afastamentos por viagens, quando as viagens ocorrem com outros participantes do CELARI, elas também possuem caráter integrador, aproximando ou fortalecendo os laços de amizade constituídos pelo grupo. De acordo com Neri (2001), na velhice a família se apresenta muito importante, sendo o vínculo mais importante desta fase. Mesmo que ocorra a expansão das relações sociais com a participação em grupos, os vínculos com a família ainda são prioritários. Entretanto, a dedicação exclusiva com os familiares está perdendo espaço para outras relações.

Especificamente nesta viagem, a maior parte do grupo era composta por participantes que freqüentam, no momento, apenas a oficina de canto, também chamada de *coral*. Essa atividade é organizada pelos próprios participantes, ocorre uma vez por semana no período da tarde e ocupa uma das salas destinadas ao projeto. Em uma das reuniões mensais, Andréa informou que solicitará a professora alista de chamada dos participantes, pois está realizando um levantamento de quantas oficinas em média cada participante freqüenta. Uma das participantes comenta: “tem gente que vem só pro canto, porque não tem condições físicas, vem só pra se distrair” (Diário de Campo, 26 de outubro de 2011). A partir do relato, pode-se pensar nas estratégias utilizadas pelos participantes, que mesmo sem ter mais condições físicas para as atividades físico-esportivas (ou acharem que não as tem) estabelecem formas de continuidade no grupo.

Outra forma de continuidade no grupo é a participação nos *galeto*s. Realizados no *galpão*, sempre em alguma sexta feira, onde o cardápio habitual é composto por saladas, massa com molho de tomate, salsichão e frango assado. Em uma conversa sobre esse momento, enquanto aguardávamos o início de uma oficina, uma das participantes destaca:

“o galeto é muito bom, porque reúne os colegas. Antigamente vinha muita gente”. Essa participante pergunta a uma colega mais antiga do projeto, porque não vem mais tanta gente quanto antes. E ouvimos de resposta: “porque está saindo muita gente, as pessoas vão morrendo, vão adoecendo, os maridos vão ficando doentes e as mulheres ficam em casa cuidando deles” (Diário de Campo, 16 de novembro de 2011).

Apesar de existir o sentimento que esse espaço de encontro esteja se esvaziando durante os anos, esses encontros continuam sendo realizados sistematicamente e pelo que pude observar o galpão sempre estava repleto nesses momentos. Como segue:

Dia de galetto e de longe já pude ver o estacionamento em torno do galpão já estava cheio de carros e o estacionamento em frente ao Centro Natatório seguia na mesma direção. Diferente do primeiro almoço, nesse consegui observar que alguns participantes estavam acompanhados de familiares. Maridos, filhos e netos se juntavam ao CELARI para dividir aquele momento. Enquanto as pessoas se dividiam pelas mesas, alguns bolsistas precisaram buscar mesas auxiliares para que os acadêmicos pudessem também almoçar sentados à mesa. O público esperado era de 80 pessoas, mas durante a manhã outras pessoas confirmaram presença. Foi interessante observar o galpão repleto, pela primeira vez vejo um grande número de participantes reunidos num só espaço (Diário de Campo, 03 de junho de 2011).

Esses momentos de interação no galpão são os momentos em que se reúnem maior número de participantes em um mesmo espaço. Os participantes dividem-se pelas mesas, *cozinha*, bancadas e recepção, ocupam todos os espaços possíveis, com conversas, piadas, risos, abraços... Antigos colegas que não mais se encontram durante as oficinas se reencontram nesse momento, contam como estão suas atividades, falam da família... São encontros muito amistosos, assim como todos que presenciei durante as festividades no galpão.

Assim como esses momentos, o dia a dia no CELARI está repleto de encontros carregados de conversas sobre as atividades, família, compras, viagens... A sala de convivência é palco de muitos desses momentos.

Quando cheguei no início da tarde encontrei um grupo de 8 mulheres que se espalhavam pelos sofás e pelas cadeiras. Apesar de estarem tendo umas 3 conversas paralelas o assunto era único: receitas culinárias. Modos de fazer, ingredientes necessários e modificações nas receitas permeavam a conversa (Diário de Campo, 05 de setembro de 2011).

Até aqui apresentei e discuti as relações que ocorrem entre os idosos participantes do CELARI. Neste momento pretendo destacar outra relação que, a

partir do meu ponto de vista, é muito importante para os idosos: a relação com os bolsistas. Dedico as próximas páginas desse trabalho ao meu olhar para os bolsistas do projeto, para a relação entre eles e com os participantes, pois percebi que essas relações atravessavam a vivência do envelhecimento dentro do CELARI.

Os bolsistas são em sua maioria acadêmicos do curso de educação física, e em menor escala do curso de dança e fisioterapia. Durante o período que acompanhei as atividades, o número de bolsistas variou de 11 a 17, entre bolsistas remunerados e os voluntários. Existem três formas, ou três fontes, de remuneração de um bolsista do CELARI, via Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAURG), Pró-Reitoria de Extensão (PROEXT) ou Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ). A primeira fonte é a que atende a maioria deles. Essa bolsa provem da Fundação de Apoio da UFRGS e o bolsista que a recebe participa do planejamento e execução das atividades com os participantes do projeto. Essa modalidade de bolsa compreende pagamentos mensais durante o período letivo (sem pagamento no período de férias). A segunda fonte, a PROEXT, Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, atende um número menor de bolsistas do que a primeira e o bolsista que a recebe tem a mesma função do que o anterior, mas a remuneração é referente há 12 meses. Por último, a bolsa da PROPESQ, Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade. Os bolsistas deste tipo de bolsa, também realizam as atividades dos anteriores, mas com menor tempo de dedicação para elas. Grande parte de sua carga horária é destinada ao desenvolvimento de pesquisas, aplicação de testes, leituras, e também são remunerados por 12 meses.

Ao abordar a forma de vínculo institucional do bolsista com o projeto, a minha intenção, além da descrição, é de destacar a temática do perfil do aluno que trabalha com os idosos nesse projeto. A fonte da bolsa de auxílio que eles recebem são diferentes e isso por vezes ocasiona atrasos do pagamento de algumas bolsas.

A sala da coordenação estava cheia de bolsistas, e o assunto era o mesmo, o atraso do pagamento de algumas bolsas em mais de 10 dias. O clima não estava bom, através da fala de uma das bolsistas percebi que ela precisava da bolsa para pagar o aluguel do apartamento em que morava. Ficamos por ali uns 15 minutos no mesmo assunto e a hora de começar as oficinas da tarde se aproximava. Fiquei pensando em como eles reagiriam quando fosse para as salas dar as aulas para os idosos, fiquei pensando em como me sentiria e que disposição teria se estivesse na situação deles (Diário de Campo, 25 de maio de 2011).

Nesse dia circulei por três oficinas no início da tarde e em nenhum momento vi algo de diferente que observei em outros dias.

Na subida das escadas para o andar das piscinas pude ouvir as vozes dos bolsistas que estavam numa das aulas: “não pode descansar ainda não”; “quero ver todo mundo do outro lado”. A motivação era a mesma das outras aulas e a interação com os alunos também, pra minha surpresa (Diário de Campo, 25 de maio de 2011).

“Não podemos prejudicar eles (idosos) dando uma aula ruim por algo que eles não têm culpa”, foi a fala que ouvi de um dos bolsistas após a aula relatada acima. E esse é apenas um dos exemplos do envolvimento e da disposição dos bolsistas com os participantes apesar dessa e de outras dificuldades.

No CELARI as demonstrações de carinho entre os participantes e os bolsistas, nos dois sentidos, é muito presente. Meus diários de campo estão repletos de palavras doces que ouvi, de abraços que presenciei, e de sorrisos trocados. Um exemplo:

Após o galeto, depois de trazer todos os materiais do galpão e guardá-los, decidimos ficar um pouco mais na sala. Espalhamo-nos pelas cadeiras, poltronas e sofás. Uma das bolsistas estava no sofá deitada no colo da Adriana, que acariciava seus cabelos, enquanto Angela, que estava na outra cadeira, fazia carinho na perna dela (Diário de Campo, 03 de junho de 2011).

Percebo que os bolsistas possuem uma disposição corporal e afetiva muito grande para com os participantes, mesmo quando já não estão mais presentes no projeto. Posso afirmar isso através do exemplo abaixo, do dia do falecimento de um dos participantes do projeto:

Após a manhã ter sido tumultuada por causa do falecimento, decidi voltar ao CELARI no período da tarde. Na chegada encontrei a Maria que estava vindo do enterro. Comenta que o participante que faleceu era uma pessoa muito bacana, que assava os galetos nos almoços, que dançava com elas, que comparecia em tudo que elas chamavam, até quando precisava fazer algum pequeno reparo na sala. Digo que não o conheci e ela me fala que ele era uma pessoa muito querida por todos, e que inclusive encontrou no velório dois ex bolsistas do projeto que estavam muito emocionados (Diário de Campo, 23 de maio de 2011).

Além dos relatos de carinho que presenciei, em alguns momentos das entrevistas que realizei presenciei situações de expressão de afeto na relação dos participantes com os bolsistas estava presente. É interessante observar essa situação, pois, ela influencia inclusive na permanência dos idosos no projeto, mesmo quando outras questões importantes para os participantes já não estão satisfatórias.

Entrevistando Clara, já em 2012, após um período de grandes mudanças no projeto, ela relata:

Eu preferia quando as aulas de *hidro* eram pela manhã, para as minhas atividades era o melhor horário, além de nós já termos nosso grupinho de amigas. Agora de tarde cada uma está num horário e nós nem nos vemos mais. Comentei esses dias com a minha filha que estava pensando em sair do projeto, mas daí lembrei das carinhas das gurias (bolsistas) e de como elas são atenciosas com nós. Acho que não teria coragem de deixar elas.

Clara participa do projeto há dois anos e até então sempre freqüentou as oficinas de hidroginástica e ginástica localizada, com as mesmas bolsistas. Foi por essas oficinas que comecei minhas observações assim que iniciei meu trabalho de campo, e foi quando me aproximei dessa participante. Presenciei muitos momentos de trocas de carinho entre ela, as bolsistas, os outros colegas e inclusive comigo.

Mas nem todos os bolsistas estabelecem essa relação de proximidade com os participantes. Isso não quer dizer que o trabalho deles não seja bom, quer dizer que eles não possuem uma relação tão próxima, e os participantes percebem isso. “Não é que eles não gostem de nós, eles só não conversam muito com a gente, não nos dão abraços”. Essa foi uma das falas que ouvi durante um dos galletos, enquanto os bolsistas ajudavam a organizar e a decorar o galpão.

Percebi nesse período que acompanhei o CELARI que os bolsistas que não estabeleciam essa relação de carinho com os idosos, também não eram próximos dos outros bolsistas. Esse distanciamento do grupo, talvez, possa afetar sua permanência no projeto, mas não é um dos definidores. Acompanhei apenas o caso de um bolsista que não era muito próximo, mas que permaneceu por lá por todo o ano. Sua permanência se deu de forma diferente dos outros, ele não ficava no CELARI fora do horário de suas oficinas, não participava efetivamente na organização das festas, dos galletos, e não se encontrava em outros lugares do campus junto com os outros bolsistas.

A expressão *laços afetivos mais estreitos* talvez seja a que melhor represente a relação entre os bolsistas. Percebo na interação entre eles algumas características bem próximas a uma das possibilidades de interação afetiva, o que se dá através da forma com que se organizam. Essa organização e o estabelecimento de alguns papéis é a forma com que eu os vejo, através dos acontecimentos, das falas e das ações. E pode ser muito mais próximo da forma com que eu os identifico, do que da forma que eles mesmos identificam-se. Como se pode perceber, os *laços afetivos mais estreitos* estão presentes nas relações “bolsista-bolsita” e “bolsista-idoso”.

Existe um grupo pequeno de bolsistas que estão no projeto há mais tempo. Eles são os motivadores do grupo e por vezes se preocupam com a organização geral do projeto, para além das oficinas que são responsáveis. Eles conhecem muitos dos participantes, conhecem as vidas deles, tem informações relacionadas à saúde, a perdas, viagens, etc. Esses bolsistas contam histórias de bolsistas mais velhos (que conheceram quando entraram no projeto), explicam como algumas oficinas se formaram e são os organizadores de encontros entre os bolsistas fora do projeto (festas, jantas). Eles organizam a participação em congressos, desde a inscrição de trabalhos, passando pela forma de arrecadação de dinheiro até a apresentação dos trabalhos. Participam da reunião mensal com os participantes e ficam responsáveis por pequenas tarefas a partir dela.

Outro grupo de bolsistas, que representam a maioria deles, são mais novos no projeto, alguns já tiveram experiências anteriores de trabalho com idosos, outros não. Alguns deles entraram no projeto como voluntários e aos poucos foram se inserindo, aumentando a carga horária de participação e recebendo bolsa.

E por último, existem os voluntários. Acadêmicos que se inserem no projeto acompanhando uma oficina. Eles auxiliam o bolsista responsável durante a oficina e dessa forma vão entrando na lógica do projeto. Esses às vezes não permanecem por muito tempo. Podem se desligar por terem conseguido bolsa em outro projeto, por não se adaptarem ao trabalho com idosos ou por seus horários não se adequarem com os exigidos pelo projeto. Os outros bolsistas interagem bem com eles, mas existe receio, pois sua continuidade e comprometimento com o projeto ainda não é conhecido. No período que acompanhei o CELARI apenas dois desses voluntários ficaram de fato no projeto, ganharam uma bolsa e assumiram uma oficina. E até o término do meu trabalho de campo, permaneciam lá.

Discutir a sociabilidade no CELARI é tratar de uma temática que permeia diversos trabalhos acadêmicos contemporâneos sobre envelhecimento. A participação no projeto pode ser considerada uma das perspectivas de vivenciar a velhice, uma velhice que valoriza as relações para além dos laços familiares constituídos. Para Beauvoir (1990, p.15) “o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer outra idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence”. O CELARI é um espaço que viabiliza formas de sociabilidade entre os idosos numa sociedade onde muitas são as formas de afastamento deles. Engajamento em grupos de viagens ou nas atividades cotidianas são espaços de interação entre participantes e/ou entre bolsistas, onde as trocas afetivas costumam as relações cotidianas e, por vezes, sustentam a participação no projeto.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Penso que uma boa maneira de concluir esse trabalho é apontando o que eu aprendi nesse processo de mestrado sobre envelhecimento. Meu ponto de partida, no início da pesquisa, se dividia em dois: experiência e referencial teórico. A partir da minha experiência prévia em um projeto para idosos foi possível olhar para alguns elementos do processo de envelhecimento e que, de forma geral, atendiam minhas expectativas. A bibliografia também tinha me ajudado a delinear um quadro sobre as temáticas em discussão nesse processo (teorias, *feminização*, aposentadoria, saúde, projetos).

A partir disso, tentei compreender como num universo particular, o CELARI, essas temáticas eram materializadas. Para isso, a etnografia me permitiu olhar de dentro de um projeto como os idosos viviam seu envelhecimento. Permitiu-me conviver com eles e estar imersa no cotidiano deles durante oito meses e, com isso, alguns temas foram tomando forma. Foram eles: pertencimento, sociabilidade, saúde e corpo. Em cada um desses temas encontrei pontos que relativizariam, contraporiam ou se aproximariam do meu conhecimento prévio.

A sociabilidade como fator motivador e agregador durante a fase da velhice é largamente difundida em muitos trabalhos acadêmicos e também tem sua relevância no CELARI. Aprendi que nesse espaço, as dimensões do lazer e da sociabilidade possuem estreita relação. A participação no projeto pode ser considerada uma das perspectivas de vivenciar a velhice, e que nesse espaço valoriza as relações para além dos laços familiares já constituídos. Mas também aprendi que a convivência no projeto nem sempre tem como base relações de harmonia e conformidades. Pude observar que os conflitos e as divergências de opiniões entre os participantes são situações presentes no cotidiano do projeto, assim como algumas negociações são necessárias para a participação em alguns espaços.

Outro ponto que observei diz respeito às relações desenvolvidas entre os bolsistas e os participantes. Percebi que no CELARI essas relações se apresentam muito relevantes no cotidiano dos participantes e em alguns casos são definidoras da continuidade dos idosos no projeto. De fato, as demonstrações de afeto entre eles permeiam o cotidiano do projeto e são muito valorizadas pelos participantes, e é visível a disponibilidade corporal e afetiva que atravessam essas relações. O CELARI constitui-se em um espaço que viabiliza formas de sociabilidade entre os

idosos numa sociedade onde muitas são as formas de segregação para as pessoas de idade avançada. Essas formas são consolidadas no cotidiano do projeto, durante as viagens e passeios e na participação nas atividades sociais.

No período de convivência pude compreender que o CELARI é um grande projeto, não só pelo número de participantes, mas também pelo espaço estrutural que ocupa. Desde sua criação ele foi conquistando espaços dentro do Centro Natatório da ESEF (salas, horários nas piscinas) e hoje uma das oficinas desenvolvidas acontece do lado de fora do prédio, no gramado em frente. Compreendi que o crescimento do número de alunos com o passar dos anos ajudou a consolidar a proposta de trabalho do projeto e possibilitou outros formatos de organização, como as parcerias desenvolvidas através de atividades de pesquisa e intervenção de outros programas de graduação da UFRGS (fisioterapia e fonoaudiologia), sendo algumas delas firmadas a partir do protagonismo dos idosos.

Pude confirmar esse protagonismo através de ações de um grupo em especial, constituído pelas colaboradoras, mulheres sempre presentes e ativas naquele contexto, capazes de influenciar as decisões que lá ocorriam diariamente. Essas ações contrapõem a descrição que alguns trabalhos fazem sobre idosos, caracterizando mulheres idosas a partir de adjetivos que envolvem vulnerabilidade e fragilidade, e destacando que elas foram criadas sob rígidas regras que determinavam desde cedo qual deveria ser o seu papel na sociedade. No CELARI pude relativizar essas concepções a partir da circulação das *colaboradoras*. São elas que organizam os espaços, que coordenam as atividades sociais e que delegam funções aos bolsistas. Fragilidade e vulnerabilidade não são características encontradas nas *colaboradoras*.

Esse grupo está relacionado a uma forma específica de participação e circulação no projeto, o *ser celariano*. Essa identidade é constituída a partir do sentimento de pertencimento ao projeto. Aprendi que no CELARI tão importante quanto às relações que acontecem entre os indivíduos são os espaços onde elas acontecem.

No CELARI encontrei mulheres reunidas não somente no grupo de *colaboradoras*, as vi por todos os lados. Isso me levou a pensar a temática da grande participação feminina em grupos para idosos. De acordo com o que encontrei em outros estudos sobre grupos de idosos, no CELARI as mulheres representam a maioria dos participantes do projeto. Um dos fatores que pode

justificar essa situação, difundido na literatura, é pelo fato do número de idosas ser consideravelmente maior que o de idosos, e um dos elementos utilizados para justificar esse quadro é que as mulheres são mais preocupadas com questões relativas a saúde do que os homens.

Presenciei a discussão desse tema constantemente nos diálogos de homens e mulheres no projeto. A saúde é tema frequente na discussão sobre envelhecimento e está presente no objetivo de muitos projetos para idosos, e no CELARI isso não é diferente. As discussões que se desenvolvem sobre saúde e corpo no processo de envelhecimento ou na velhice, geralmente estão relacionadas às concepções biológicas, mas a partir da convivência com o grupo pude ver como esse elemento se concretiza na vida dos idosos. Pude compreender que as preocupações com a saúde também estão relacionadas ao sentir-se bem com seu corpo, ao querer desenvolver os músculos na perspectiva de obter uma *boa forma* para agradar o marido, e à busca pelo divertimento e pela felicidade.

É por isso que o CELARI se constitui em um espaço particular onde, através da circulação dos participantes, pode ser visto como se dá o estabelecimento de vínculos de identidade, onde cada um contribui com seus valores e com sua história de vida. Aprendi nessa pesquisa que viver a velhice no CELARI significa estar e pertencer a um espaço onde diversas são as possibilidades envelhecer. Que para muitos dos participantes, significa estar num espaço plural que oportuniza a integração de pessoas que se dedicam ainda a outras atividades, como atividades profissionais ou até mesmo se envolvem em outros grupos. Que o projeto é um espaço que pode ser vivido como se fosse um segundo lar, que estimula o desenvolvimento da autonomia do idoso e que propicia vários espaços e formas de interação.

O tempo estipulado para conclusão desse trabalho e minhas escolhas determinaram meu olhar e meu aprofundamento em cada temática. Acredito que muitas são as possibilidades de investigação dentro do CELARI, até porque o ano de 2012 está sendo um momento de grandes mudanças e reestruturações que foram planejadas durante o ano anterior. Acompanhei algumas dessas mudanças durante o primeiro semestre, em visitas semanais, enquanto realizava minhas entrevistas e participava do grupo de pesquisa. Foi uma forma que encontrei para manter o vínculo estabelecido durante a pesquisa, e que não está sendo fácil de

romper. O carinho presente nas relações desenvolvidas naquele espaço também me atingiu.

Quando escolhi olhar para o sentimento de pertencimento, saúde, corpo e sociabilidade, optei por não discutir outras possibilidades que também foram observadas no campo. Entre elas posso citar que poderia ter desenvolvido a discussão sobre as relações de gênero, poderia ter acompanhado de perto a oficina literária que também se mostrou um espaço importante de protagonismo para os participantes, onde cada um escreve sobre suas vivências, e estas são publicadas em livros. Poderia também ter acompanhado os participantes para fora dos limites do projeto, poderia ter acompanhado suas redes de sociabilidade, suas interações com seus pares em outros espaços.

Mas mesmo que eu tenha necessitado fazer essas escolhas e deixar outras discussões e lado, olhar para os idosos do CELARI me permitiu ver uma forma particular de se vivenciar o envelhecimento em um tempo/espaço de lazer, onde a sociabilidade, a saúde e o corpo são vistas de uma forma que – em certos aspectos - é pouco discutida pela literatura. Essas especificidades que encontrei nesse contexto particular me permitem discutir essas temáticas no campo do envelhecimento e nas políticas públicas.

A etnografia me ensinou a *ver*, *ouvir* e *escrever* e a importância desses três elementos durante a pesquisa. *Ver* porque os gestos e as ações dizem algo e estão carregados de significados, que refletem, confirmam e por vezes contradizem os discursos. A *ouvir* falas, entonações, interjeições, porque elas permitem constituir uma percepção diante dos acontecimentos. A *escrever* porque a escrita passa a ser parte integrante do próprio pensamento. A etnografia me permitiu compartilhar de um universo em particular, me permitiu estar com os idosos, partilhar do seu cotidiano, dos seus códigos, da *sua língua*, permitiu que eu olhasse para tudo isso a partir da perspectiva dos idosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. M. **A dama e o cavaleiro**. Um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES, A. M. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: BARROS, Myriam Lins de (Org.). **Família e Gerações**. 01 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, v. 01, p. 67-90.

ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, V. A. **Velhices**: estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupo de convivência. Rio de Janeiro: V7, 2004.

BAGRICHEVSKY, Marcos; ESTEVÃO, Adriana; PALMA, Alexandre. Saúde coletiva e educação física: aproximando campos, garimpando sentidos. In: **A saúde em debate na educação física**. V.2. Nova Letra, Blumenau, 2006.

BANDEIRA, M. D. Censo Demográfico confirma envelhecimento da população. **Carta de Conjuntura FEE**. Ano 20. n.6. p.8, 2011

BRASIL(2003), Lei 10.741/03. **Estatuto dos Idosos**. Brasília-DF, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. 1. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BERZINS, M.A.V.S. Envelhecimento populacional: Uma conquista a ser celebrada. **Revista Serviço Social e Sociedade**, ano XXIV, N. 75, Especial, São Paulo: Cortez Editora, 2003.

BLESSMANN, Eliane, Jost. **Corporeidade e envelhecimento**: o significado do corpo na velhice. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre, 2003.

BREGAGNOL, L. P. ; DIAS ZABALETA, A. S. ; GONCALVES, A. K. ; MENESES, R. A. . Lazer, envelhecimento e intervenção dentro de um projeto de extensão universitária. *Revista Mineira de Educacao Fisica (UFV)*, v. 1 2 3, p. 1786-1793, 2012.

BRITTO DA MOTTA, Alda. **"Não tá morto quem peleia"**: a Pedagogia Inesperada nos Grupos de Idosos. 1999. 251f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Salvador. 1999.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**. V. 25 N. 2 Mai/Ago 2010.

BULLA, Leonia Capaverde; SOARES, Erika Scheeren.; KIST, Rosane Bernadete Brochier. Cidadania, pertencimento e participação social de idosos – Grupo Trocando Idéias e Matinê das Duas: Cine Comentado. **Ser Social**. Brasília, N. 21, p. 169-196, jul./dez. 2007

CAMARANO, A. A. **Envelhecimento da população brasileira**: uma contribuição demográfica. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

CAMARANO, A. A. (org); PASINATO, M. T. **Os Novos Idosos Brasileiros**: Muito Além dos 60?. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

COUTINHO, Renato Xavier; ACOSTA, Marco Aurélio de Figueiredo. Ambientes masculinos da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**. 14(4). P. 111-118, 2009.

DAMATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: 1993.

DEBERT, Guita Gren. Gênero envelhecimento. **Estudos Feministas**, n 1/94, 33-51. 1994

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999.

DOLL, J.; GOMES, A.; HOLLERWEGER, L.; PECOITS, R. M.; ALMEIDA, S. T. Atividade, Desengajamento, Modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. **Estudos Interdisciplinares sobre envelhecimento**. Porto Alegre: UFRGS, v. 12, 2007.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

DEPONTI, Renata Nadalon; ACOSTA, Marco Aurelio de Figueiredo. Compreensão dos idosos sobre os fatores que influenciam no envelhecimento saudável. **Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 33-52, 2010.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992;

FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FRUTUOSO, D. L. F. **A terceira idade na universidade**: estudo do campo de representação. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação/ UFRJ, 1996.

GARDNER, Paula J. Envelhecimento saudável: uma revisão das pesquisas em Língua Inglesa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 69-92, mai./ago. 2006.

GEERTZ, Clifford. "Do ponto de vida os nativos": a natureza do entendimento antropológico. In: GEERTZ, Clifford. **Saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GONÇALVES, Andréa Kruger. **Ser idoso no mundo**: o indivíduo idoso e a vivência de atividades físicas como meio de afirmação e identidade social. 1999. Tese (doutorado) – Pós Graduação em Psicologia, USP, São Paulo, 1999.

GONÇALVES, A. K. ; TEIXEIRA, A. R. ; FREITAS, C. L. R. ; BOS, A. J. G. Qualidade de vida relacionada à saúde (HRQL) de adultos entre 50 e 80 anos praticantes de atividade física regular: aplicação do SF-36. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, 2011.

GOMES, M.G. e ABREU, M.H.E. Refazendo caminhos: homens e mulheres na terceira idade e o protagonismo de uma inserção diferenciada. In.: Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 10., 2001, Rio de Janeiro. **Anais do X Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**. Rio de Janeiro: 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre ; REPPOLD FILHO, Alberto Reinaldo ; FRAGA, A. B. ; MAZO, Janice ; STIGGER, M. P. ; MOLINA NETO, Vicente . Pesquisa Qualitativa na Educação Física Brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação física/UEM** (Online), v. 21, p. 53-82, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010.

GOLDENBERG, M e RAMOS, M. S. A civilização das formas: o corpo como valor. In: **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ**. V. 2. N. 2, Julho/Dezembro 2006.

GOLDENBERG, M. **Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira**. Contemporânea. Ed. 18. V.9, N. 2, 2011.

GUTIERREZ, Washington. **Histórico Campus Olímpico**. Escola de Educação Física – UFRGS. Porto Alegre. 1971. Disponível em: < http://www.esef.ufrgs.br/historico_pesquisa.html >. Acesso em: 12 nov. 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, a. 15, n. 32, p. 129-156, jul.dez., 2009.

MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: **Nu & Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARTINS, Carlos José; ALTMANN, Helena. Construções históricas de ideais de corpos masculinos e femininos. In: **A saúde em debate na educação física – volume 3**.

MATSUDO, Sandra Mahecha. Envelhecimento, atividade física e saúde. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa, v. 10, n. 1, p. 195-209, 2002.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, 1974.

MINAYO, M.C.S. **A saúde em estado de choque**. Rio de Janeiro. Espaço e tempo. 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 1996.

MOTTA, Flávia de Mattos. 1998. **Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice**. Santa Cruz do Sul, Edunisc.1998.

NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (orgs). A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999

NERI, Anita Liberalesso. Envelhecimento e qualidade de vida na mulher. In: CONGRESSO PAULISTA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA, 2., 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo: GERP, 2001, p. 01-18.

NOGUEIRA, L.; PALMA, A. Reflexões acerca das políticas de promoção de atividade física e saúde: uma questão histórica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p. 103-119, 2003

NUNES, Bernadete de Oliveira. **O sentido do trabalho para merendeiras e serventes em situação de readaptação nas escolas públicas do Rio de Janeiro**. (Mestrado) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000.

NUNES, A. T. G. L.; PEIXOTO, C. Perfil dos Alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade. **Relatório de Pesquisa**. Faculdade de Serviço Social/UERJ, 1994.

PALMA, Alexandre; ESTEVÃO, Adriana; BAGRICHEVSKY, Marcos (orgs.). Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: **A saúde em debate na educação física – volume 1**. Ilhéus, Editus, Ministérios do Esporte, 2003.

PAPALEO NETTO. M. **Gerontologia**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1986.

PAPALEO NETTO. M. O estudo da velhice no século XX: Histórico, definição do campo e termos básicos. In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: em busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** (Impresso), SP, v. 27, p. 138-149, 1995.

PEIXOTO, C. E. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade... In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV. p.69-84. 1998.

PILOTTO, Fátima Maria. Educação corporal de atletas de ginástica artística. 2010. Tese (Doutorado) - Pós Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2010.

RODRIGUES. N. C. Política Nacional do Idoso – Retrospectiva Histórica. **Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**, Porto Alegre, v.3, p.149-158, 2001.

RODRIGUES, N. C.; RAUTH, J. Os Desafios do Envelhecimento no Brasil. FREITAS, Elisabete Viana et al. (Org.). In: **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006

SANTIAGO, D. P. E assim se fez... o CELARI. In: VIEIRA, S. H; BLESSMANN, E. J. (orgs). **Vidas em movimento**. Porto Alegre : Escola de Educação Física da UFRGS, 2009.

SARTORI, Adriana C. R.; ZILBERMAN, Monica L. Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. **Revista de Psiquiatria Clínica**. 36(3), p. 112-121, 2009.

SILVEIRA, R; Jogo da bocha: a “cachaça” do seu Inácio. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. **O esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades em espaços urbanos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SIMMEL, Georg. **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

STIGGER, M. P. **Administração de Parques Públicos e Democracia: Um estudo de caso na área de políticas públicas para um lazer numa perspectiva democrática**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Gama Filho. Curso de Pós Graduação em educação Física. Rio de Janeiro, 1992

STIGGER, M. P. **Esporte, Lazer e Estilos de Vida - um estudo etnográfico**. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

VENDRUSCOLO, R.; SOUZA, D. L.; CAVICHIOILLI, F. R.; CASTRO; S. B. E. Programas de atividade física para idosos: apontamentos teórico-metodológicos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-13, jan./abr. 2011

VERAS, R.P. Em busca de uma assistência adequada à saúde do idoso: revisão da literatura e aplicação de um instrumento detecção precoce e de previsibilidade de agravos. **Cadernos de Saúde Pública**, v.19, n. 3, maio/jun.2003.

VILARINO, Maria Aparecida Muller; LOPES, Marta Julia Marques. Envelhecimento e saúde nas palavras de idosos de Porto Alegre. **Estudos interdisciplinares sobre envelhecimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 63-77, 2008.

WACQUANT, L. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WINKIN, Y. **Descer ao campo**. In: WINKIN, Y. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998.

APÊNDICE A – CARTA DE ESCLARECIMENTO E TERMO DE CONSENTIMENTO PARA ENTREVISTA

Prezada(o) XXXXX,

Desde agosto de 2010 eu, **Ariane Silveira Dias**, estou inserida no mestrado acadêmico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, junto ao Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano. Nesse período, orientada pelo professor Marco Paulo Stigger, desenvolvo uma pesquisa que tem como objetivo compreender o que significa e como se vivencia o envelhecimento dentro do CELARI.

Para concretizar esse objetivo, durante o ano de 2011, realizei observações participantes no CELARI durante as oficinas, eventos sociais e reuniões. Nesse momento, realizarei entrevistas com pessoas-chaves para auxiliar o estudo.

Você é uma das pessoas escolhidas para a realização da entrevista. Sua concordância em colaborar com a pesquisa implica nas seguintes condições de envolvimento e autorização de uso:

- Disponibilizar cerca de 30 minutos para a realização da entrevista que será gravada (apenas som);
- Responder as questões do roteiro de entrevistas que está disponível em anexo a este termo;
- De acordo com o necessário, o conteúdo da entrevista será transcrito e utilizado na escrita da dissertação;
- Utilizarei um nome fictício para identificá-lo no trabalho;
- No processo de análise prezarei pelo uso adequado das informações, considerando o contexto no qual elas foram produzidas.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa, e ter meu direitos de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados a pesquisa;
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo.

Declaro estar ciente do exposto e desejar participar da pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2012

Nome

Assinatura

Eu, **Ariane Silveira Dias**, declaro que forneci todas as informações referentes à pesquisa ao participante.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2012

Assinatura

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PARTICIPANTES

1. Nome
2. Estado civil (com quem mora)
3. Escolaridade
4. Profissão
5. Idade
6. Foi (é) praticante de algum esporte ou *atividade física*?
7. Como conheceu o CELARI?
8. Desde quando participa do projeto?
9. Que horário frequenta o projeto?
10. De quais atividades participa? Gostaria de participar de alguma outra?
11. Participa das atividades sociais? Traz algum acompanhante?
12. Antes do CELARI, participou de algum outro grupo?
13. Participa de outro projeto ou pratica alguma outra atividade? Qual?
14. Que atividades realiza lá?
15. Porque participa do CELARI e não de outro grupo?
16. O que acha do número de homens participantes do projeto? Faz oficina com algum?

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA BOLSISTA

1. Nome
2. Que atividade desenvolve no CELARI?
3. Quando começou a participar do CELARI?
4. Quantas pessoas participavam na época (coordenação, bolsistas, alunos)?
5. Que atividades eram desenvolvidas?
6. De que formas eram organizadas as atividades?
7. Que espaços utilizavam?
8. Existiam momentos de encontros além dos momentos de *atividade física*?
Quais? Quem participava?
9. De que forma esses encontros eram organizados?
10. Trabalha ou já trabalhou em outro projeto semelhante ao CELARI? Existem diferenças entre os projetos? Quais?